Projeto POVOS
Território, Identidade e Tradição

TERRITÓRIOS DO

CENTRO DE UBATUBA

Pedacinho de Chão

Hino antigo de Ubatuba, na memória do pescador e peixeiro José de Souza, o Zeca da Peixaria do Itaguá, de 67 anos.

Ah, sim, o hino que eu aprendi na escola e até hoje nunca mais ouvi esse hino, se pergunta. o pessoal não conhece. Acho que, se não me engano, é Pedacinho de Chão que chama o hino. Começa mais ou menos assim...

Existe um chão ao pé da serra pequenino
Visto de longe é um nada no sertão
Chegue mais perto, companheiro e desfrute
Felicidade vai inundar-lhe o coração
De gente humilde em cada caboclo, um amigo
De ranchos pobres, mas em cada um abrigo
De um lado a serra e de outro o mar
De um lado a brisa e o luar
A estrela Dalva fez dali eterno lar
É Ubatuba, companheiro
É um chão bem brasileiro
É uma pérola encrustada junto ao mar
De madrugada quando o mar deixa a gamboa
Dois olhos firmes sondam da prainha ao mar
E as ondas levam em sua volta uma canoa
Dois braços rijos suas redes vão lançar
E as seis horas lá na secular capela
O sino chama os fiéis a oração
E as palmeiras sentinelas
Vinte e duas todas elas
Testemunham nossa fé e devoção
É Ubatuba, companheiro
É um chão bem brasileiro
Esquece a cidade grande e vem pra cá!

Entrevistas

Grupo de fazedores da cultura caiçara:
Deonísio Roque Leite
José Moura da Silva
Larissa Mariano de Cristo
Manoel Moisés
Mário Gato
Péola Maria Barbosa

Grupo de mulheres na limpeza do camarão
Aparecida Benedita dos Santos
Edineide Soares Fiuza
Graciela Oliveira dos Santos
Maísa Alves da Silva França
Mariana dos Santos
Neide Gonçalves de Moura
Nilmara Santos
Rosangela de Oliveira

Individuais ou em duplas

Maria Joana de Oliveira Campos e Carmelina de Oliveira Campos
Elvio de Oliveira Damazio e Silvio Cesar Martins
Ademar Domingos dos Santos
Benedito Manoel dos Santos (Bidico Gordo, em memória)
Jerri Eduardo Morais
José de Souza (Zeca da Peixaria)
Juvenal Morais

Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis Bocaina (OTSS)

Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba (FCT)

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)

Territórios tradicionais do Centro de Ubatuba

Executante

FIOCRUZ
FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO EM SAÚDE

Empreendedor

BR PETROBRAS

Órgão Licenciador

IBAMA MMA

A realização do Projeto Povos é uma exigência do licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Ibama.

Parceiros

OBSERVATÓRIO DE TERRITÓRIOS SUSTENTÁVEIS E SAUDÁVEIS DA BOCAINA

Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

FÓRUM DE COMUNIDADES TRADICIONAIS ANGRA • PARATY • UBATUBA

SUS

CONAQ Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas

COORDENAÇÃO NACIONAL DE COMUNIDADES TRADICIONAIS CAIÇARAS

COMISSÃO GUARANI YVYRUPA CGY

FICHA TÉCNICA

Realização:

Associação dos Moradores do Perequê-Açu

Grupo de mulheres da Limpeza do Camarão no Trapiche da Ilha dos Pescadores

Barracão do Ademar

Cortiço do Itaguá

Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Alegre do Itaguá

Esporte Clube Itaguá

Rancho Antonia dos Santos Mariano

Associação dos Amigos Remadores d a Canoa Caiçara

Fandango Caiçara Bacurau

Folia Caiçara do Divino Espírito Santo de Ubatuba

Coordenação Geral Povos:
Fabiana Miranda

Coordenação de Campo | Centro de Ubatuba:
Cristiano de Brito Lafetá

Pesquisadores de Campo | Centro de Ubatuba:
Ana Carolina Santana Barbosa, Ivanildes Kerexu Pereira, Janaina Cassiano dos Santos, Luisa Vilas Boas Cardoso, Robson Fernandes

Textos:
Cristiano Lafetá, Anna Maria Andrade, Fabiana Miranda, Gabriela Muruá, Santiago Bernardes

Revisão Técnica:
Anna Maria Andrade, Cristiano Lafetá, Helena Tavares, Luisa Vilas Boas Cardoso, Ana Carolina Barbosa, Janaína Cassiano, Robson Fernandes, Santiago Bernardes

Revisão de texto:
Athos Vieira

Mapas:
Janaina Cassiano dos Santos, João Oswaldo Cruz, Tiê Passos

Fotos:
Luiza Saad, Robson Fernandes, Felipe Scapino e acervo de fotos antigas de Ubatuba disponíveis nos seguintes endereços:

Projeto Gráfico e Editoração de Imagens:
Eduardo di Napoli, Tiê Passos

Diagramação:
Leticia B Dias

Transcrição de Entrevistas:
Heloisa Vianna

Levantamento de dados secundários
Gabriela Tibiriçá Sartori

OTSS – EXPEDIENTE FIOCRUZ

Coordenação Geral:
Edmundo Gallo (Fiocruz), Vagner do Nascimento (Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba)

Coordenação de Gestão Territorializada:
Fabiana Miranda

Colegiado de Coordenação Estratégica:
Edmundo Gallo, Vagner do Nascimento, Fabiana Miranda, Marcela Cananea, Julio Garcia Karai, Indira Alves França, Sidélia Silva, Leonardo Freitas, Ana Maria Correia, Mauro Gomes, Vinícius Carvalho

Coordenação de Campo | Povos:
Cristiano Lafetá, Anna Maria Andrade, Rodrigo Pennutt

Pesquisadores de Campo (FCT) | Povos:
Ana Carolina Santana Barbosa, Gabriel Nogueira, Julio Garcia Karai, Ivanildes Kerexu Pereira, Jardson dos Santos, Luisa Vilas Boas Cardoso, Raquel Albino, Robson Fernandes e Santiago Bernardes

Assessoria Jurídica:
Thatiana Lourival, Luara dos Santos Sampaio e Clara Freitas Gallo

Validadores | Movimentos Nacionais:
Julio Garcia Karai, Comissão Guarani Yvyrupa (CGY)

Marcela Cananea, Coordenação Nacional de Comunidades Tradicionais Caiçaras (CNCTC)

Neimar Lourenço Nascimento dos Santos Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ)

ISBN nº 978-65-87063-37-9

Catalogação na fonte
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde
Biblioteca de Saúde Pública

P964p Projeto Povos: Territórios tradicionais do Centro de Ubatuba / Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina. Fórum de Comunidades Tradicionais. Fundação Oswaldo Cruz. — Rio de Janeiro : Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina, 2024.
124 p. : il. color. ; fotos ; mapas (Coleção Povos, 8)

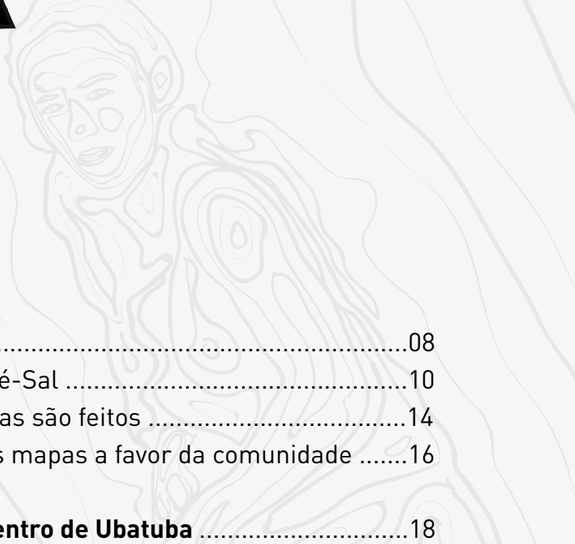
ISBN:

1. Povos Indígenas. 2. Quilombolas. 3. Caiçaras. 4. Saneamento. 5. Educação. 6. Licenciamento Ambiental. 7. Política Pública. 8. Segurança Alimentar. 9. Pré-Sal. 10. Petróleo. I. Título.

CDD – 23.ed. – 980.41

TERRITÓRIOS

CENTRO DE UBATUBA



ÍNDICE

Projeto Povos 08
Entendendo o Pré-Sal 10
Como estes mapas são feitos 14
Como usar esses mapas a favor da comunidade 16

Territórios do Centro de Ubatuba 18
Introdução 24
Caiçaras do Centro de Ubatuba 48

Mapas
Microterritório do Centro de Ubatuba 20
Território Marinho do Centro de Ubatuba 22

Pela primeira vez,
nós por nós mesmos.

Nós, os povos tradicionais
de Angra dos Reis, Paraty
e Ubatuba, dizendo
quantos somos, como
vivemos e o que buscamos
para a plena realização
dos nossos direitos.

Projeto Povos:
Território, Identidade e Tradição

Conheça a mais abrangente iniciativa de cartografia social já realizada na Bocaina. Protagonizada pelas próprias comunidades, a caracterização envolve territórios indígenas, quilombolas e caiçaras de Angra dos Reis (RJ), Paraty (RJ) e Ubatuba (SP)

Qual é exatamente o território tradicionalmente ocupado pelos quilombolas? Quais são as condições de saneamento dos indígenas? E quais são os desafios dos caiçaras em relação ao acesso à educação? Estas são apenas algumas das informações que serão reveladas pelo Projeto Povos, iniciativa que vai colocar de vez, no mapa do Brasil, os territórios de 98 comunidades e localidades tradicionais indígenas, caiçaras e quilombolas de Angra dos Reis (RJ), Paraty (RJ) e Ubatuba (SP).

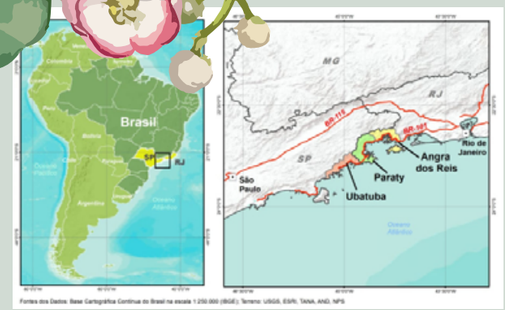
Reivindicação histórica do Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT), a realização do Projeto Povos é uma exigência do licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Ibama, para a produção de petróleo e gás pela Petrobras na Bacia de Santos. Quem executa é o Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS), uma parceria entre o FCT e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Participam também a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), a Comissão Guarani Yvyrupá (CGY) e a Coordenação Nacional de Comunidades Tradicionais Caiçaras (CNCTC), que completam o conselho do projeto com a missão de garantir que todos os direitos das comunidades sejam respeitados.

O Projeto Povos utiliza metodologias de cartografia social que permitem às comunidades desenhar, com ajuda de profissionais, mapas dos territórios que ocupam. Este tipo de mapeamento social geralmente envolve populações tradicionais e é um instrumento utilizado para fazer valer os direitos desses grupos frente a grandes empreendimentos, problemas relacionados à grilagem de terras e ao não cumprimento de leis que dizem respeito à delimitação de terras indígenas, à titulação de territórios quilombolas e à regularização fundiária de territórios caiçaras, entre outros.

Caracterização de 98 territórios tradicionais ocorre até 2023

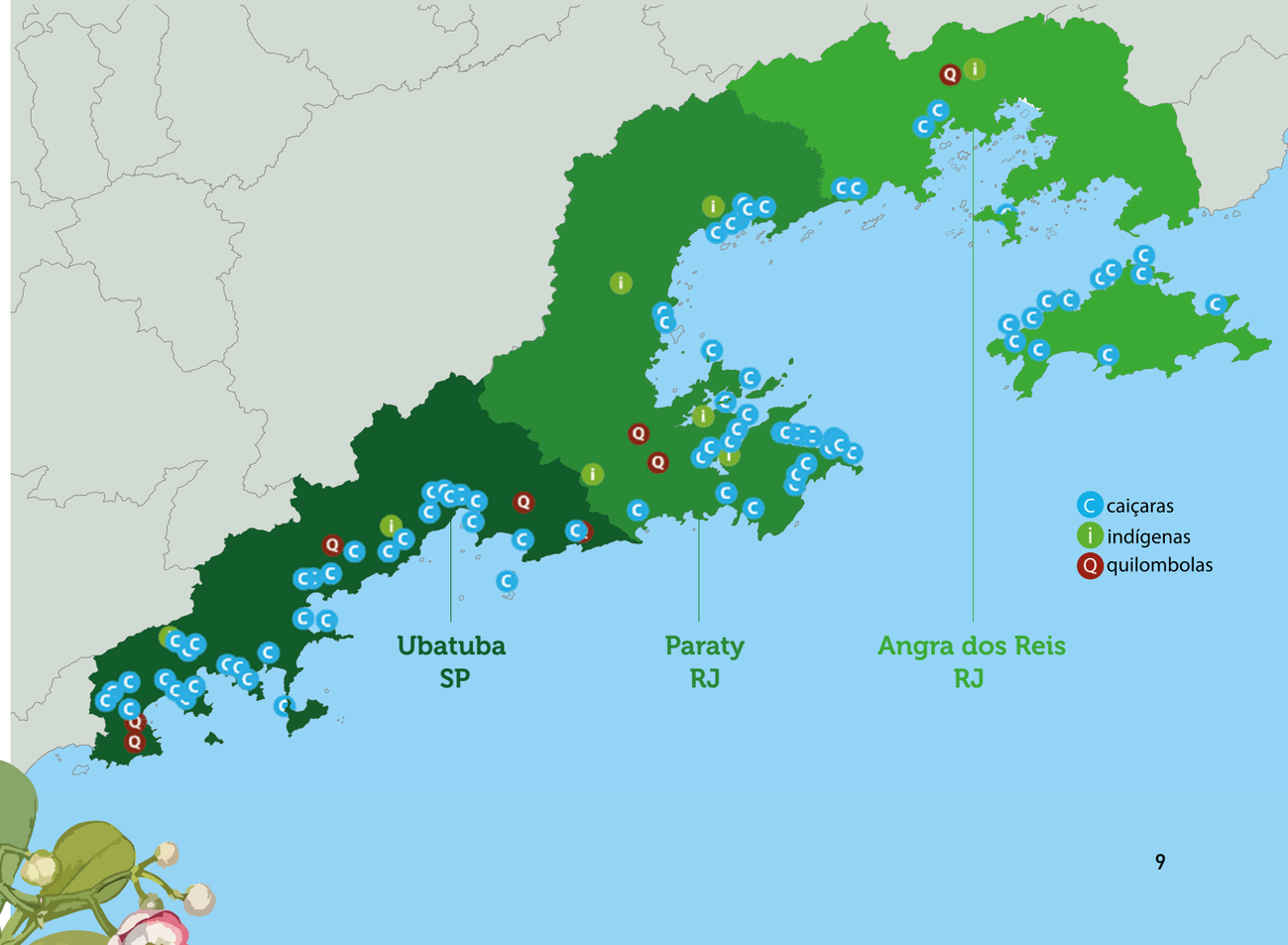
Além de informações técnicas, os mapas sociais são construídos de forma participativa e apresentam o cotidiano de uma comunidade em linguagem simples e acessível. Neles, são colocados espaços de roças, rios, lagos, casas, equipamentos sociais como unidades de saúde e escolas e outros elementos que as populações envolvidas considerem importantes. Aliás, são as comunidades que decidem o que querem caracterizar. No Projeto Povos, nenhuma informação é tornada pública sem a prévia autorização das comunidades envolvidas e das representações nacionais dos povos e comunidades tradicionais (Conaq, CGY e CNCTC).



Onde o Projeto Povos ocorre?

O Projeto Povos ocorre nos municípios de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba. Para sua realização, foram definidos 10 agrupamentos de territórios que reúnem laços culturais, ambientais e territoriais comuns. É o caso, por exemplo, do agrupamento de territórios tradicionais do Carapitanga, que partilham a mesma Sub-Bacia Hidrográfica em Paraty (RJ).

Uma observação importante é que esta organização em agrupamentos de territórios – ou microterritórios - não quer dizer que as comunidades caracterizadas não tenham fortes e profundos laços com outras comunidades. Ou seja, essa divisão apenas ajuda a organizar os trabalhos de campo do projeto.



Entendendo o Pré-Sal

O Projeto Povos é resultado de uma condicionante do licenciamento ambiental federal para a exploração de petróleo e gás na camada do Pré-Sal na Bacia de Santos. Mas você sabe o que isso tem a ver com as comunidades tradicionais?

Para que um grande empreendimento possa ser construído, ele precisa antes receber uma licença ambiental que é concedida pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Para receber essa licença, quem constrói o empreendimento tem que cumprir também uma série de condições para mitigar ou compensar seus impactos sociais e ambientais.

O Projeto Povos é uma destas condições, e foi exigido da Petrobras pelo Ibama para que as comunidades tradicionais da Bocaina possam entender e se manifestar sobre potenciais impactos da exploração de petróleo na Bacia de Santos sobre seus territórios. Outro objetivo é disponibilizar mais informações sobre as comunidades para que suas reivindicações possam ser levadas em conta pelo Ibama quando houver algum novo pedido de licença para grandes empreendimentos na região.

O que é o petróleo?

O petróleo é um recurso natural muito importante na produção de energia em todos os países do mundo. Além de ser combustível utilizado nos veículos de transporte – carro, ônibus, caminhão, avião – ele também está presente no plástico que compõe muitos dos equipamentos eletrônicos (como celulares, computadores) e eletrodomésticos, além de ser muito utilizado em embalagens. Tem petróleo também em cosméticos (como batons), pasta de dente e até em roupa.

O óleo do Pré-sal é um tipo de petróleo extraído de camadas ultraprofundas embaixo do mar

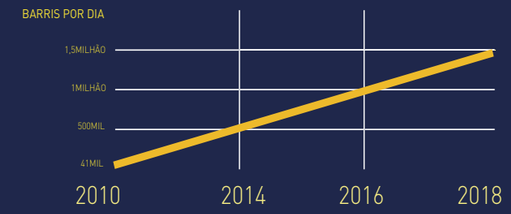
1984
PÓS-SAL
4.108 POÇOS
500 MIL
BARRIS POR DIA

2018
PRÉ-SAL
77 POÇOS
1,5 MILHÃO
BARRIS POR DIA

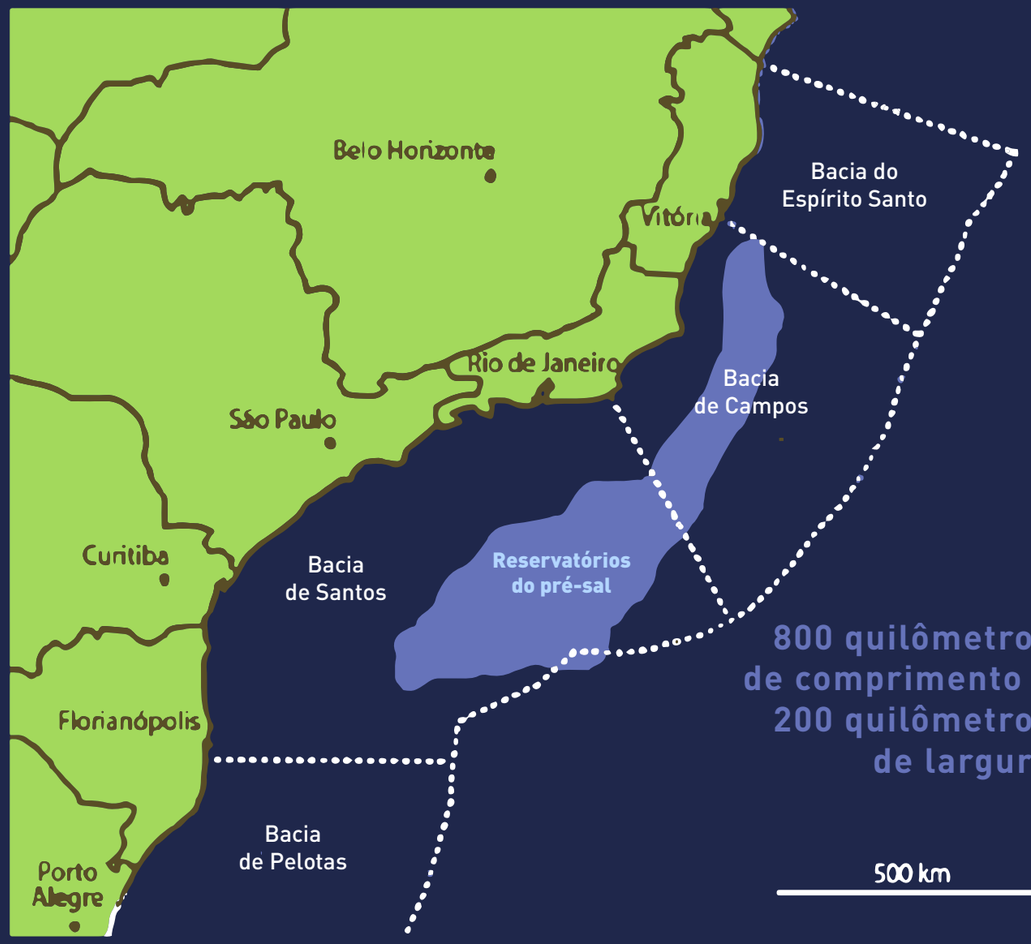
O que é o Pré-sal?

O Brasil não era considerado um país importante na produção mundial de petróleo até a descoberta do Pré-sal, em 2007. Pré-sal é um tipo de subsolo marinho, em camadas profundas embaixo do mar, de onde é extraído o petróleo. Como se vê na ilustração abaixo, esse petróleo está localizado em um agrupamento de rochas localizadas em águas ultra profundas em baixo de uma camada de sal, por isso Pré-sal. Ou seja, "antes do sal".

Produção média de petróleo no Pré Sal



Onde fica o Pré-sal?



A área de influência do Pré-sal mede cerca de 800 quilômetros de comprimento e 200 quilômetros de largura e está entre os estados de Santa Catarina e Espírito Santo, passando, também, por territórios tradicionais localizados no litoral norte de São Paulo e sul do Rio de Janeiro.

O volume produzido por poço no Pré-sal da Bacia de Santos, onde estão essas populações, está muito acima da média da indústria de óleo e gás. Dos dez poços com maior produção no Brasil, nove estão localizados nessa área.

O que tem no Pré-sal?

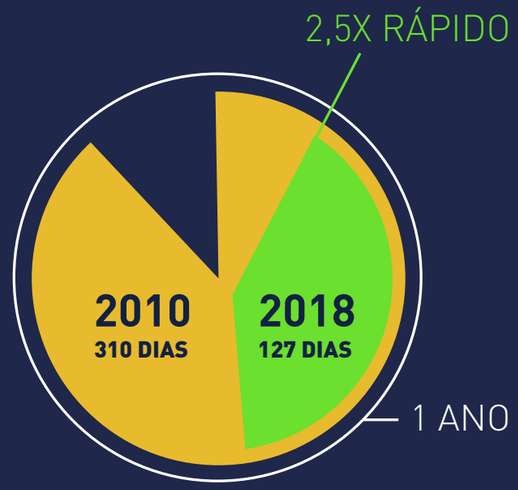
Para se ter uma noção do que significa a descoberta do Pré-sal, é possível que o Brasil duplique sua produção de petróleo em aproximadamente 10 anos. Entre 2006 e 2007, as reservas do país somavam cerca de 14 bilhões de barris de petróleo. Com essa descoberta, é possível que as reservas atinjam entre 50 a 80 bilhões de barris. Cada barril de petróleo tem o volume aproximado de 158,98 litros.

O que isso significa para as comunidades?

É tão grande a estrutura necessária para a exploração do petróleo no mar que faz com que o Pré-sal seja definido como um Megaempreedimento, já que ele altera a dinâmica social, econômica, cultural e ambiental das cidades litorâneas onde ficam as reservas do Pré-sal.

Isso significa dizer que, além do risco de vazamentos, a estrutura do Pré-sal gera como consequências alterações no território marinho como, por exemplo, o aumento do número de grandes embarcações, mudanças no comportamento de cardumes e ampliação de portos para atender a demanda de transporte.

Tempo médio de construção de poços marítimos



E, também, alterações terrestres tais como o aumento do número de pessoas vindas de fora, que chegam para trabalhar na exploração de petróleo sem que haja, por vezes, uma melhoria equivalente na infraestrutura local como mais hospitais e escolas.

Como o licenciamento do Pré-sal funciona?

Megaempreedimentos como o Pré-sal precisam cumprir dois procedimentos legais para poderem se instalar em uma região. O primeiro é a Avaliação de Impactos Ambientais e o segundo é o Processo de Licenciamento Ambiental. A partir daí é feito o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA), que ajudam o Ibama a decidir se dá ou não a licença.

Depois, é necessário realizar audiências públicas para ouvir o que a população e o poder público têm a dizer sobre o empreendimento. No território da Bocaina, essas audiências aconteceram nas Etapas 1, 2 e 3 do Pré-sal. Sim, já estamos no processo da Etapa 4 desse empreendimento.

Esses procedimentos têm como objetivo avaliar os impactos causados pelo Pré-sal e propor condicionantes e compensações que amenizem ou compensem os impactos ambientais e sociais causados pela sua instalação.

Como estes mapas são feitos?

Com a participação de pesquisadores indígenas, caiçaras e quilombolas, o Projeto Povos mapeia só o que as comunidades querem caracterizar. Conheça, passo a passo, como se dá essa construção coletiva.

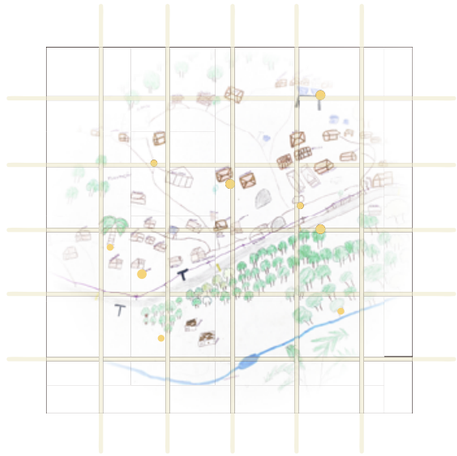
1) Chegança

Realizada com a participação do Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT), a "chegança" é o passo inicial da caracterização. Ela envolve lideranças e articuladores locais para esclarecer dúvidas sobre o projeto e para garantir que os mapas sejam construídos por muitas mãos.

2) Mapa Falado

Nessa atividade, a comunidade é convidada a fazer um desenho livre, em um papel em branco, representando seu território. Neste desenho, o território e seus elementos vão surgindo a partir do exercício da memória e da definição, pela própria comunidade, do que ela quer e acha importante que seja caracterizado.

Ícones dos mapas do Projeto POVOS



3) Localizando o território no mapa

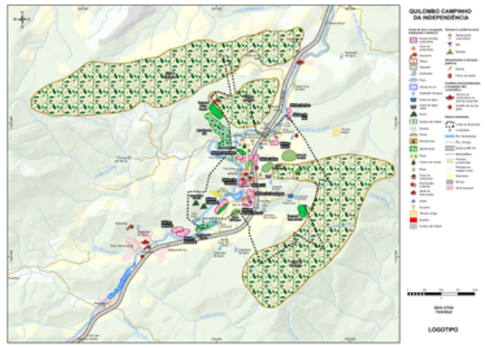
A etapa seguinte consiste na transposição do mapa falado para uma foto de satélite, localizando os elementos do desenho em uma base georeferenciada. Nesta etapa, o objetivo principal é garantir que os participantes consigam dimensionar seu território em um mapa e visualizar demais delimitações territoriais já estabelecidas por órgãos governamentais, como Unidades de Conservação e demarcações já realizadas.

4) Refletindo o Território

Depois, é hora de apresentar à comunidade a primeira versão do mapa final e validar com os participantes cada dado coletado. Um momento, também, para corrigir eventuais erros e acrescentar informações importantes que não tenham aparecido nas etapas anteriores.

5) Nosso mapa

A última etapa se divide em dois momentos. O primeiro consiste em revisitar o material produzido durante toda a caracterização e validar coletivamente o mapa final. Em sequência, a comunidade define quais informações quer que se tornem públicas e quais prefere que sejam de uso restrito da comunidade.



6) Ganhando o mundo

Percorrido esse caminho, o material segue para impressão e é devolvido para as comunidades. Também validadas pelas comunidades e suas representações nacionais, as publicações finais são distribuídas para bibliotecas e órgãos de governo e da sociedade civil cuja atribuição seja zelar pelos direitos dos povos e comunidades tradicionais da Bocaina.

Como usar estes mapas a favor das comunidades

Os mapas construídos pelas comunidades são instrumentos de promoção de direitos. Entenda algumas formas de como podem ser utilizados para a defesa dos territórios tradicionais

Garantia de territórios:

O projeto não assegura que haverá titulação, demarcação ou regularização fundiária de territórios tradicionais. Mas irá contribuir para que as reivindicações das comunidades cheguem aos órgãos competentes responsáveis por fazer isso.

Acesso a políticas públicas:

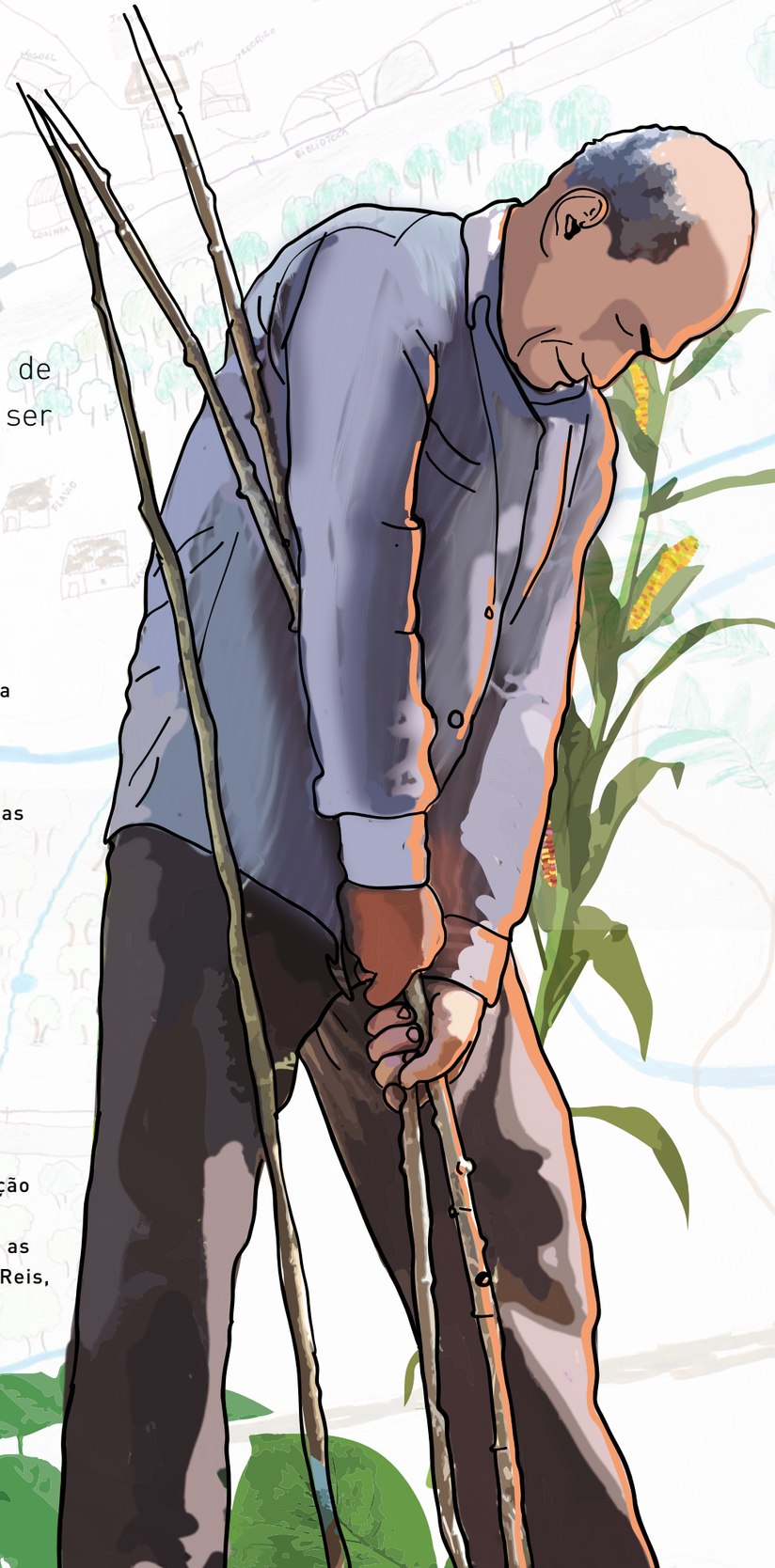
O projeto também não construirá infraestruturas nas comunidades, mas vai contribuir para levar ao conhecimento dos governos e órgãos públicos qual é a situação de cada comunidade em relação a serviços e equipamentos públicos nas áreas de educação, saúde, saneamento, trabalho e renda, entre outras decididas pelas próprias comunidades.

Fortalecimento da educação diferenciada

Esta publicação e os mapas gerados pela cartografia social podem ser usados nas escolas pelos professores para aproximar os conteúdos curriculares à realidade vivida pelos estudantes em suas comunidades.

Qualificação de licenciamento ambiental:

Outra conquista importante é que estes dados passarão a ser consultados pelo Ibama quando houver uma nova solicitação de licença ambiental para grandes empreendimentos que possam impactar as comunidades tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba.



Segurança alimentar e nutricional:

O projeto permitirá às comunidades ampliarem seus conhecimentos sobre as espécies agrícolas manejadas por elas e também por suas comunidades vizinhas. Isso fortalece o conhecimento do território e facilita possíveis trocas de sementes e de técnicas de plantio.

Práticas de saúde:

O projeto permitirá também às comunidades ampliarem seus conhecimentos sobre as práticas de cuidado corporal e espiritual utilizadas por ela e por comunidades vizinhas. Isso também facilita possíveis trocas de sementes e de conhecimentos em relação a procedimentos de cura e prevenção a partir das plantas medicinais.

Fortalecimento do FCT:

O mapa feito pela comunidade contribuirá também para fortalecer as bandeiras de luta do Fórum de Comunidades Tradicionais nas áreas de Turismo de Base Comunitária, Educação Diferenciada, Saneamento Ecológico, Economia Solidária e Agroecologia e a combater todas as formas de racismo e violência contra as comunidades.

Erica dos Santos Barbosa, 38 anos, trabalhadora do mercado de peixe da ilha dos Pescadores

TERRITÓRIOS DO

CENTRO DE YBATUBA

485.000
490.000
495.000
7.415.000
7.410.000
7.405.000
N
W
E
S
Praia do Perequê-Açú
Barra dos Pescadores
Praia do Itaguá
Praia do Cedro
0 1 2 3 4
Km
20
21
RJ
SP

MICROTERRITÓRIO CENTRO DE UBATUBA

Limite do Microterritório Centro de Ubatuba

Povo

- Caiçara
- Indígena
- Quilombola

Relações e fluxos intercomunitários, rotas de pesca e comércio

- Caiçara
- Indígena
- Quilombola

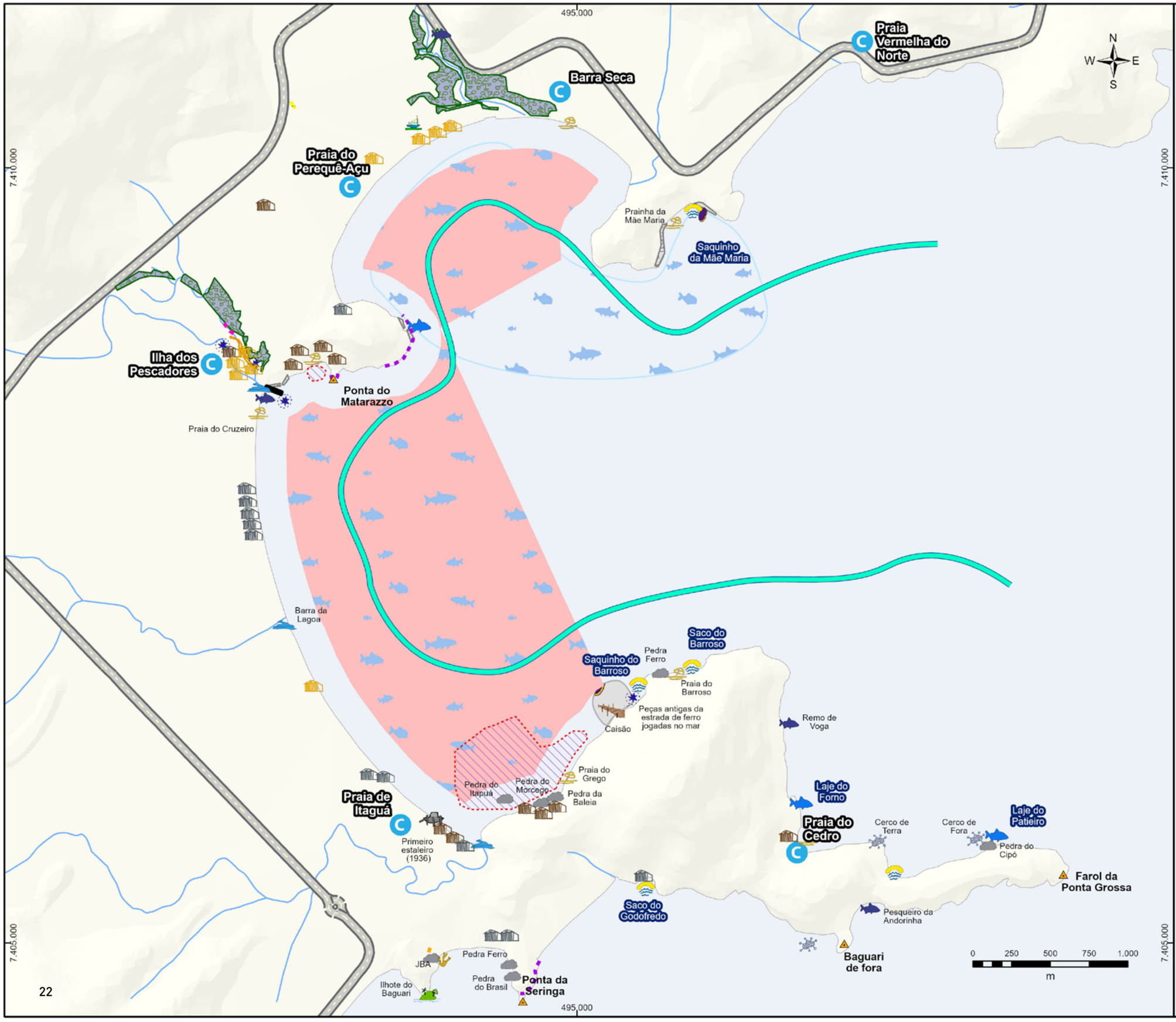
Territórios e áreas de uso tradicional

- Caiçara
- Indígena
- Quilombola

Outros elementos

- Rio
- Rodovia BR - 101

TERRITÓRIO MARINHO DO MICROTERRITÓRIO CENTRO DE UBATUBA



Povo

- Caiçara
- Indígena
- Quilombola

Áreas, recursos alvo e técnicas de pesca

- Barra
- Cais
- Cerco antigo
- Estaleiro antigo
- Ilhote
- Laje
- Marina
- Marisco
- Pedra
- Pesca artesanal
- Ponta
- Praia
- Rancho
- Rancho antigo
- Rancho comunitário
- Recife
- Saco
- Manejo de cambiá
- Manejo de marisco
- Manejo de ostra
- Rota de pesca
- Areial antigo
- Área de fundeio
- Área de trapicho
- Costão
- Mangue
- Maricultura antiga
- Pesca artesanal
- Proibido pescar
- Quebra mar reivindicado

Outros elementos

- RODOVIA
- Rio

Conflitos socioambientais

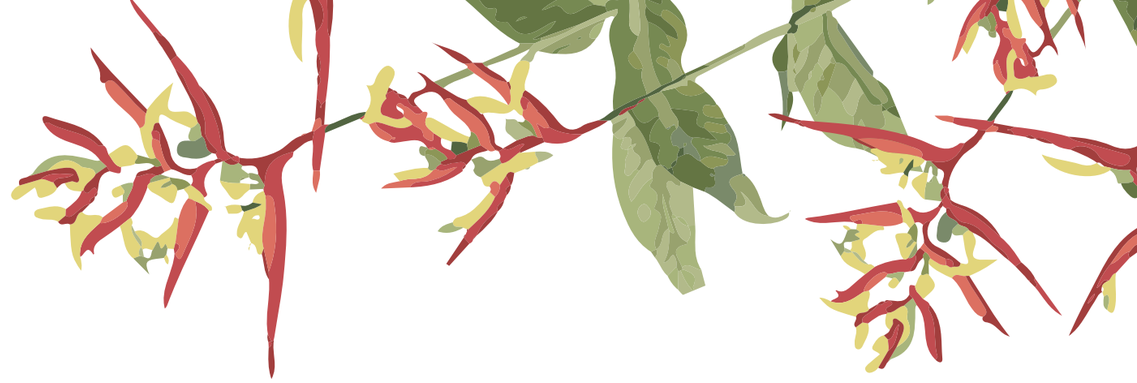
- Assoreamento do rio
- Invasão de área de maguezal

Território Tradicional Caiçara

Região Central de Ubatuba

A PAISAGEM MODIFICADA E A RESISTÊNCIA CULTURAL

Desde a abertura da rodovia Rio-Santos, entre as décadas de 1960 e1970, a região central do município de Ubatuba vem sofrendo um constante processo de alteração de sua paisagem, com a verticalização gradativa dos bairros, a canalização de rios e córregos, o aterramento de áreas alagadiças para a construção de imóveis. É possível, ao observar a arquitetura, citar alguns momentos da história de ocupação da região: temos alguns prédios remanescentes do período colonial; casas, em diferentes estilos do século XX, mas anteriores à abertura da estrada; construções de fins de 70 e início dos 80, que apontam a chegada dos primeiros "veranistas"; e, por fim, prédios com menos de 10 anos de construção, principalmente no bairro do Itaguá, que revelam uma segunda (ou terceira) onda de ocupação por veranistas e/ou novos moradores, vindos de outros municípios.



"Uns 30 anos, mais ou menos, pra cá, que começou a mudar... Aqui no Itaguá tinha poucas casas, não tinha muita, na época devia ter uns 3 mil habitantes. Os rios eram tudo limpo, a gente brincava nos rios, botava as meninas dentro do São João, tudo dentro de uma batera[1] , e saía remando rio abaixo, depois pra voltar era um sacrifício, que era contra a maré... Ia catar chuchu lá perto da ponte... A água era limpinha, a gente bebia água, tinha bastante peixe. Hoje em dia é um esgoto esse rio aí, mudou muita coisa. Tinha muita mata que a gente armava as armadilhas pra pegar as raposas, os gambás... Hoje em dia só tem prédio, prédio, não tem mais nada".

José de Souza, o Zeca da Peixaria do Itaguá, 67 anos.

1 Batera é um barco de fundo chato e borda rasa. Serve para pesca e para tirar areia nos rios e barras. As crianças usavam pra brincar nos rios.

Praia de Iperoig e Praia do Itaguá, região central de Ubatuba

Ainda assim, a comunidade caiçara resiste ao desenvolvimento desordenado, preservando suas tradições e lutando pelo território que habita.

A região central de Ubatuba reúne caiçaras de todo o município, que deixaram seus territórios originais em busca dos serviços e da infraestrutura urbana, como a proximidade com escolas, hospital, local de trabalho (já que muitas das práticas de tradicionais foram criminalizadas) etc. Porém, há uma comunidade caiçara nascida na região central, descendente dos primeiros moradores de Ubatuba, e que reproduz as expressões e modos de ser e fazer tradicionais. Integrantes da comunidade se encontram em festejos do calendário católico, como a Folia do Divino; em corridas de canoa caiçara; no rancho caiçara da Associação dos Amigos e Remadores da Canoa Caiçara (AARCCA), na praia do Perequê-Açu; em ranchos de pesca no Itaguá e no Perequê Açu; no trapiche da Ilha dos Pescadores; no Mercado de Peixe, também na Ilha; em ensaios e apresentações dos grupos de Fandango,blocos carnavalescos etc.

“Nasci lá no Ubatumirim. Saí de lá com 17 anos, pra morar aqui na Barra [Ilha dos Pescadores]. Mas eu desde 5 anos, 3 anos, 4 anos, já tava remando de lá pra trazer farinha, trazer coisas e comprar as coisas aqui pra levar pra lá. Banana, farinha de mandioca pra vender aqui e depois comprava sal e querosene pra nós usarmos na roça que não tinha”.

Benedito Manoel dos Santos, o Bidico Gordo, pescador, morador da Ilha dos Pescadores, falecido aos 77 anos.

Seu Bidico Gordo (em memória), no Cornu's Bar.

O projeto povos, no Centro de Ubatuba, realizou suas atividades nos bairros do Itaguá, da Ilha dos Pescadores e do Perequê Açu. Porém, a comunidade caiçara representada nesta publicação transcende essas localidades, compartilhando o território marítimo, e estabelecendo, entre si e com outras comunidades, relações simbólicas, materiais e imateriais. Foram produzidos três mapas que, reunidos, apresentam a história da ocupação caiçara na região central de Ubatuba.

A caracterização da região, apresentada a seguir, é resultado de um processo de pesquisa-ação[1], realizado com o protagonismo da comunidade caracterizada. As histórias, os dados e causos a seguir são narrados pelos caiçaras residentes na área central de Ubatuba: no Itaguá, contemplando as localidades de Ponta Grossa e Cedrinho, Praia do Tenório e Estufas I e II; Barra dos Pescadores, Centro, Silop e adjacências; e Perequê Açu, Sumidouro, Taquaral e Estrada da Cazanga, Sumaré, Ipiranguinha e adjacências.

Vale fazer, neste ponto, um breve esclarecimento conceitual: o termo "comunidade" é utilizado para se referir a um conjunto de pessoas que possui entre si vínculos sociais de diversas naturezas, como parentesco, vizinhança, trocas, memória social compartilhada, que convivem e tem em comum o sentimento de pertencimento a um determinado lugar. Os termos "bairro" e "localidades" são utilizados em referência aos espaços ocupados por essas comunidades, mesmo que em porções cada vez menores e com menor capacidade de interferência direta em sua paisagem ou influência política sobre decisões que os impactam. "Território" é o espaço/tempo social, cultural, político, econômico e de afetos; é resultado da relação entre as comunidades e as localidades ou bairros que habitam, entendido em sua dimensão física e, também, sua existência imaterial e simbólica. O território abrange as localidades ou bairros ocupados pela comunidade e é base da reprodução dos modos de vida tradicionais em seus múltiplos aspectos.

1 Michel Thiollent define, assim, a metodologia: "Entre as diversas definições possíveis, daremos a seguinte: a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com urna ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo" THIOLLENT(1986).

> **"Trabalho com madeira também que nem o Zé, o Zé [José Moura da Silva] trabalha profissional mesmo, eu também sou profissional, mas a minha vida, o começo foi na roça mesmo, aí depois que eu casei aí já mudei o percurso que tinha família, tinha que mudar de vida, mudar de ramo, porque antigamente aqui era meio difícil pra serviço (...). Aí tive que trabalhar e fui pro artesanato. (...) Sou da folia, também. Faço fandango, ontem mesmo viemos lá da Caçandoca, tivemos na Caçandoca fazendo o fandango lá. Muito gostoso, me sinto muito bem, graças a deus. Na roça é uma das coisas que você se sente bem, você vende, você tem pra uso, pra gastar, então é muito bom".**
>
> Manoel Moises, de 81 anos.
> Morador do Taquaral.

Da esquerda para a direita: Seu Neco, sr. Dionísio, seu Zé Moura e Mário Gato

Barra do Rio Grande, Ilha dos Pescadores

Resultados Gerais

O projeto Povos coleta dados primários por meio de entrevistas de profundidade, entrevistas em grupos focais (rodas de conversa), pela observação participante, em reuniões de planejamento e oficinas da cartografia social. Para complementar o trabalho e garantir a melhor caracterização dos territórios participantes, faz-se, também, a coleta de dados secundários. As fontes de tais informações são as mais diversas, tais como as pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), os órgãos públicos municipais (Prefeitura), estudos acadêmicos (monografias e teses), matérias em veículos de comunicação etc.

A região central de Ubatuba concentra a maior parte dos serviços e equipamentos públicos voltados à saúde, educação, lazer, acesso à justiça, cartoriais etc. O Centro conta com três terminais rodoviários, sendo um exclusivo para as linhas municipais de ônibus, que atendem aos bairros das regiões norte, sul e oeste; e os outros dois para as linhas intermunicipais. Porém, para a circulação entre os bairros centrais há deficiência em linhas circulares e a principal forma de locomoção é a bicicleta. A região conta com ciclovia e ciclofaixas, que demandam obras de conservação e recuperação.

Muitas ruas estão esburacadas e falta calçamento adequado em vias de praticamente todos os bairros centrais, incluindo aqueles cujo metro quadrado é mais caro. Ainda sobre os serviços de conservação urbana, há reclamação quanto à falta de varrição adequada das ruas, precária manutenção de praças e áreas verdes, falta de lixeiras etc. Além disso, as galerias de água pluvial e todo o sistema de drenagem carece de limpeza e obras de ampliação.

Especificamente sobre a população caiçara residente na região central, artigos consultados dão conta da falta de apoio às manifestações culturais e de preservação da memória e das tradições locais. Há um esvaziamento da vida cotidiana, visto que grande parte das construções motivadas pela especulação imobiliária são voltadas a imóveis de veraneio, que permanecem fechados a maior parte do ano. O avanço da construção civil invade os espaços de memória, as antigas áreas de roça, os galpões e ranchos da pesca e os locais de encontro dos fazedores de cultura.

Segundo o último Censo (IBGE 2022), 49,64% das moradias de todo o município de Ubatuba são casas de veraneio. Ou seja, das mais de 79 mil moradias contabilizadas, mais de 49 mil estão destinadas aos turistas

O Censo não contabiliza as populações caiçaras, o que dificulta a identificação do número real de membros da comunidade residente na região central da cidade. De todo modo, é possível afirmar que a resistência caiçara se espalha pelos bairros e se faz representada nos espaços de encontro, com a Festa de São Pedro.

Abaixo, alguns números coletados em dados secundários, sobre equipamentos de saúde, educação e outros.

Dança da Fita na Festa de São Pedro Pescador, 2018.

SAÚDE

A Santa Casa é o único hospital público do município, atendendo aos moradores de todas as regiões de Ubatuba. O hospital realiza procedimentos médicos de até média complexidade. Para procedimentos de alta complexidade, os pacientes são deslocados para hospitais em Caraguatatuba, Taubaté e São José dos Campos. Há reclamação quanto à qualidade do serviço de saúde ofertado pela Santa Casa e às condições gerais do hospital, que demandam reforma e adequação, além de melhoria e atualização dos equipamentos médicos.

A estratégia saúde da família mantém equipes nas unidades básicas de saúde.

BAIRRO	EQUIPAMENTO	ATENDIMENTO
ITAGUÁ	UBS ITAGUÁ	UBS Itaguá atende Itaguá, Cedro e Ponta Grossa - Usuários desta UBS: 4.215
CEDRO	Atendimento pela UBS Itaguá	
PONTA GROSSA	Atendimento pela UBS Itaguá	
ESTUFA I	UBS Estufa I	Usuários desta UBS: 3.184
ESTUFA II	CAPS I CAPS AD (antigo CREED) UBS ESTUFA II (Olaria) UBS ESTUFA II - A (Bangu)	UBS Estufa II atende metade da estufa II - Usuários desta UBS: 4.377 A UBS Estufa IIA atende a outra metade da estufa II. - Usuários desta UBS: 4.866
ILHA DOS PESCADORES	Atendimento pelas unidades de saúde do Centro	A UBS Cicero Gomes atende Centro e Ilha dos Pescadores – Usuários desta UBS: 5.584 (equipe Cicero Gomes) + 5.264 (equipe Sumaré)
CENTRO	CENTRO DE ESPECIALIDADES MÉDICAS AMBULATÓRIO DE INFECTOLOGIA CENTRO DE ESPECIALIDADES ODONTOLÓGICAS VIGILÂNCIA EM SAÚDE UNIR UNIDADE DE SAÚDE CICERO GOMES HOSPITAL MUNICIPAL SANTA CASA DE MISERICÓRDIA	5.584 (equipe Cicero Gomes) + 5.264 (equipe Sumaré)
PEREQUÊ-AÇÚ	UBS PEREQUÊ-AÇU	UBS Perequê-açu atende Perequê-açu - Usuários desta UBS: 11.680
TAQUARAL	UBS TAQUARAL	UBS Taquaral Atende Taquaral e Sumidouro - Usuários desta UBS: 4.980
SUMIDOURO	Atendimento pela UBS Taquaral	

EDUCAÇÃO

A educação pública em Ubatuba sofre com falta de professores concursados e contratações temporários. Professores contratados por tempo determinado, na maior parte das vezes, são pessoas de fora e não criam vínculo com a cidade. Além disso, há carência em uma atualização curricular que leve em consideração a história da cidade para além da chamada "Paz de Iperoig" – fato histórico contestado pelas populações tradicionais, que afirmam se tratar da traição do colonizador escravocrata e genocida dos indígenas.

O Coletivo de Educação Diferenciada de Ubatuba vem pautando este debate e tem realizado reuniões com representantes da Secretaria Municipal de Educação, além de participar de conferências, conselho e outros espaços de participação cidadã. Por quatro ocasiões, a equipe do projeto Povos participou de momentos de formação de professores, como a Semana de Educação e a Semana das Culturas Tradicionais. Ainda, as publicações do Povos têm sido entregues às escolas da rede pública e vêm sendo utilizadas como material em sala de aula.

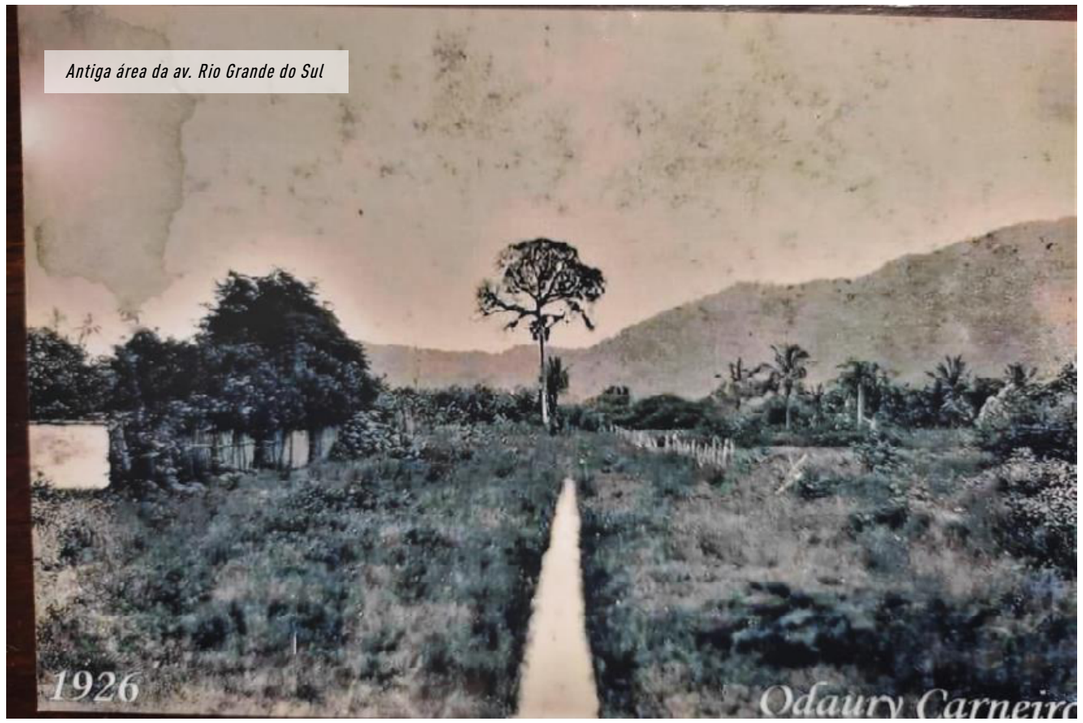
O movimento social ainda busca estreitar contatos com a Secretaria de Estado da Educação, responsável pelas escolas de ensino médio. A maior parte dessas escolas está na região central e recebe estudantes de todo o município e de todas comunidades tradicionais da região norte.

Antigo Solar dos Pires Nobre - Escola DR. Esteves da Silva, a primeira escola mista de Ubatuba - Ano 1896

Imagem retirada do blog: https://ubatubense.blogspot.com/2021/08/antigo-solar-dos-pires-nobre-escola-dr.html

BAIRRO	EQUIPAMENTO
ITAGUÁ	EM ALTIMIRA SILVA ABIRACHED (340 alunos - EF 1) EMEI PROFA BESSIE FERREIRA OSORIO DE OLIVEIRA (165 alunos - EI) Escolas particulares EF 1, 2 e EM - 01 escola
CEDRO	Atendidos pelas escolas do Itaguá e Tenório
PONTA GROSSA	Atendidos pelas escolas do Itaguá e Tenório
ESTUFA I	EMEI DINORAH PEREIRA DE SOUZA (296 alunos - EI) CRECHE FRANCISQUINHO
ESTUFA II	EM MARIA JOSEFINA GIGLIO SILVA (521 alunos - EF) CEI PROF CORSINO ALISTE MEZQUITA (EI) EE PROFA AURELINA FERREIRA (EF 2 e EM) EE PROFA SUELI APARECIDA FIGUEIRA DOS SANTOS (EF 2 - EM)
ILHA DOS PESCADORES	Atendidos pelas escolas do Centro. A escola Dr, Esteves da Silva, localizada às margens do rio Grande, ao lado de uma ponte de pedestres que dá acesso à ilha, é o equipamento de educação de referência. O prédio histórico representa a tradição ubatubense, tendo sido o primeiro grupo escolar misto da cidade. EMEI Idalina graça (Infantil), Olga Gil (Fundamental I), Esteves (Fundamenta II e médio), Deolindo (Médio) ou tancredo (Médio)
CENTRO	EM PROFESSORA ELGA RIBAS DE ANDRADE GIL (465 alunos - EF 1) EM PADRE JOSÉ ANCHIETA (466 alunos - EF 1) EM TANCREDO DE ALMEIDA NEVES (1.165 alunos - EF 2 e EM) EMEI IDALINA GRAÇA (317 alunos - EI) EMEI PROF JOSÉ CARLOS PEREIRA (206 alunos - EI) CEI TIA HELÔ (257 alunos - EI) CEMPRI PROFA MARTA HELENA DA SILVA ARAUJO (EI) EE CAP DEOLINDO DE OLIVEIRA SANTOS (EM - EJA MÉDIO) EE DR. ESTEVES DA SILVA (EF 2 - EJA FUND 2) Escolas particulares EF e EM - 07 escolas Escolas particulares EM - 05 escolas
PEREQUÊ-AÇÚ	EM MARINA SALETE NEPOMUCENO DO AMARAL (490 alunos - EI e EF1) EMEI PROFA MARIA ALICE LEITE SILVA (399 alunos - EI) EE DIONISIA BUENO VELLOSO (EF 2 - EM) Escolas particulares EI e EF1 - 01 escola
TAQUARAL	EMEI PROFA ALBA REGINA TORRAQUE DA SILVA (122 alunos - EI) EM PROFESSOR JOSE SOUZA SIMEÃO (310 alunos - EF) EMEI Richard Juarez Gobbi (158 alunos - EI)
SUMIDOURO	Atendidos pelas escolas do Perequê-Açu, Taquaral e Centro

Imagem retirada do blog: https://ubatubense.blogspot.com/2021/08/antigo-solar-dos-pires-nobre-escola-dr.html



Antiga área da av. Rio Grande do Sul

SANEAMENTO: ÁGUA, ESGOTO, DRENAGEM E RESÍDUOS SÓLIDOS

O texto abaixo é do caiçara Santiago Bernardes, nascido no bairro do Perequê-Açu. Santiago é biólogo, poeta e pesquisador no OTSS. O texto foi escrito em dia de muita chuva, quando imagens de alagamentos circulavam nos grupos de aplicativo de mensagens. Trecho da avenida Rio Grande Sul, uma importante via da região central, estava intransitável. Como, aliás, acontece todas as vezes que chove um pouco mais forte na cidade.

As consequências no tempo das ações humanas sem planejamento e visão integrada no ambiente.

Essa foto é a antiga área da av Rio Grande do Sul, 1926. Povo chamava de valetão depois que retificaram um curso de riacho afluente do rio Tavares, que hoje em dia transborda. Havia vários córregos, (Corguinho no caiçarês), como aquele também retificados em valeta que corre paralelo ao aeroporto, na rua Liberdade.

Era um complexo sistema hídrico ali, uma baixada com caxetais e córregos que foram destruídos. E o aeroporto, com bastante aterramento, principalmente no fundo dele que é a Av. Rio Grande do Sul, também funciona como um barramento de águas, além de urbanisticamente estrangular o acesso ao centro em duas vias distantes uma da outra e estreitas, a avenida Iperoig na orla e a própria Rio Grande do Sul. A terceira via é a rodovia, que também trava de trânsito principalmente no verão. Também o levantamento do leito da rodovia BR-101 em sua construção, no começo da década de 1970, interrompeu fluxos naturais de água da serra, atuando como uma barragem. Com o advento do turismo sem planejamento, a especulação imobiliária causou o 'empurramento' da população de baixa renda para áreas tornadas frágeis e vulneráveis. Enquanto ali ao lado é um bairro de moradias caras, o Parque Vivamar, com prédios em cima de morro também. Um contraste do racismo ambiental. A ocupação do entorno da avenida Rio Grande do Sul e margem do rio Tavares estrangulou ainda mais o espaço das águas correntes, sem área de vazão para as cheias, sem meandros (curvas) dos afluentes, sem vegetação absorvente das águas. Ruas de asfalto que impermeabilizam (tapam) o solo e não permitem uma mínima drenagem das águas, ausência de sistema de escoamento do excesso pluvial (chuvas) e consequente alagamento constante das vias urbanas e moradias.

Os sistemas de captação, tratamento de distribuição de água potável e de coleta, tratamento e disposição final do esgoto, na região central de Ubatuba, são de responsabilidade da empresa estatal Sabesp. Já o sistema de drenagem de água de chuva está sob responsabilidade da prefeitura, assim como a coleta de resíduos sólidos e a varrição das ruas. O lixo comum é coletado por empresa terceirizada e há, também, a coleta seletiva realizada por cooperativa de catadores de materiais recicláveis. Ubatuba conta com Plano Municipal de Resíduos Sólidos.

Porém, os serviços são insuficientes e não acompanham o crescimento da cidade, nem se adequam ao aumento populacional durante as temporadas turísticas.

Ainda há bairros onde não há rede de coleta de esgoto, cabendo aos moradores instalar e fazer a manutenção de fossas

sépticas ou outros sistemas residenciais de tratamento. Relatos apontam que as estações de tratamento de esgoto existentes não dão conta do volume, o que pode ser atestado pelos relatórios sobre a qualidade das águas e balneabilidade, dos testes realizados pela Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo). As praias de Iperoig, no Centro, e do Itaguá, no bairro de mesmo nome, estão constantemente impróprias para banho. Córregos e rios que cortam a região também são poluídos.

BAIRRO	SISTEMA DE ÁGUA POTÁVEL	SISTEMA DE SANEAMENTO
ITAGUÁ	Rede Sabesp	Sistema de esgotamento sanitário parcial Fossa séptica ou simples (infiltração direta)
CEDRO	Captação direta	sem informação
PONTA GROSSA	Captação direta	sem informação
ESTUFA I	Rede Sabesp	Sistema de esgotamento sanitário parcial Fossa séptica ou simples (infiltração direta)
ESTUFA II	Rede Sabesp	Sistema de esgotamento sanitário parcial Fossa séptica ou simples (infiltração direta)
ILHA DOS PESCADORES	Rede Sabesp	Sistema de esgotamento sanitário parcial Fossa séptica ou simples (infiltração direta)
CENTRO	Rede Sabesp	Sistema de esgotamento sanitário parcial Fossa séptica ou simples (infiltração direta)
PEREQUÊ-AÇÚ	Rede Sabesp	Sistema de esgotamento sanitário parcial Fossa séptica ou simples (infiltração direta)
TAQUARAL	Rede Sabesp	Sistema de esgotamento sanitário parcial (apenas nos conjuntos habitacionais) Fossa séptica ou simples (infiltração direta)
SUMIDOURO	Rede Sabesp	Sistema de esgotamento sanitário parcial Fossa séptica ou simples (infiltração direta)

ORGANIZAÇÃO E OCUPAÇÃO TERRITORIAL; MORADIA E SITUAÇÃO FUNDIÁRIA

BAIRRO	POVO	POPULAÇÃO	SITUAÇÃO FUNDIÁRIA
ITAGUÁ	Caiçara + população descaracterizada	1.863 Censo 2010	Posse ou Titulado. A Ilha dos Pescadores aguarda projeto para regularização fundiária. Cedro e Ponta Grossa possuem maioria dos imóveis por posse pacífica.
CEDRO		808 Fonte: https://www.freemaptools.com/find-population.htm	
PONTA GROSSA		93 Censo 2010	
ESTUFA I		2.556 Censo 2010	
ESTUFA II		6.584 Censo 2010	
ILHA DOS PESCADORES		45 famílias, além de casas de locação e do rancho caiçara. Associação de Moradores, 2024.	
CENTRO		3.425 Censo 2010	
PEREQUÊ-AÇÚ		7.676 Censo 2010	
TAQUARAL		1.019 Censo 2010	
SUMIDOURO		2.205 Censo 2010	

Os dados gerais sobre a situação fundiária estão na tabela abaixo. Conforme já falado, a região central do município vem sofrente permanente alteração de sua paisagem e organização territorial.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

A região central de Ubatuba está em área de amortecimento do Parque Estadual da Serra do Mar e todo o território marítimo é sobreposto pela Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Norte. As duas UCs são estaduais, sob gestão da Fundação Florestal de São Paulo. As demais publicações do projeto Povos em Ubatuba, a saber: Norte de Ubatuba 1 e 2 e Sul de Ubatuba trazem um panorama completo das unidades de conservação do município e recomenda-se a leitura.

Resumo das ações do Projeto POVOS nos territórios do Centro de Ubatuba

+de 40 comunitários
participando ativamente

315 elementos mapeados
na cartografia social

15 entrevistas realizadas

3 reuniões
de planejamento

09 oficinas
de caracterização

6 visitas de campo

8 mapas falados

TERRITÓRIOS

CENTRO DE UBATUBA

Resultados por território tradicional

Praia do Cruzeiro

CAIÇARAS DO CENTRO DE UBATUBA

TEMPOS E ESPAÇOS

Caiçaras da região central de Ubatuba resistem à especulação imobiliária e ao processo de desenvolvimento hegemônico, que levam à descaracterização da paisagem e ameaçam o modo de vida tradicional. A comunidade se reúne em espaços como ranchos de pesca e da cultura, capelas e igrejas, campo de futebol, escola de samba, grupos de fandango, pescando na baía de Ubatuba, trabalhando o pescado no trapiche, talhando remos, consertando canoas, fazendo artesanato, até mesmo em calçadas, em frente às casas.

Reside de forma dispersa em bairros como o Itaguá, o Cedrinho, o Tenório, o Centro, o Perequê-Açu, o Sumidouro, as Estufas I e II, o Ipiranguinha ou o Taquaral, entre outros. Na Barra dos Pescadores, por ser uma ilha e lugar do Mercado Municipal de Pescados e de algumas oficinas e carpintarias náuticas, é possível identificar núcleo comunitário. Os diversos núcleos familiares caiçaras, espalhados pela paisagem urbana, formam uma única comunidade que constrói e ressignifica seu território de vida, sem deixar de narrar o saudosismo em causos de muito tempo.

Cinco rios se destacam na paisagem da memória dos moradores mais antigos e do lamento presente. O Indaiá, que separa as localidades do Perequê-Açu e da Barra Seca (caracterizada junto ao MT Norte de Ubatuba 2), vê o mangue de suas margens diminuir a cada dia.

O rio da Usina Velha desce do morro do Valo D'água, onde antigamente tinha a estação de energia elétrica que abastecia o centro, para, literalmente, sumir sob canais enquanto serpenteia o bairro do Perequê-Açu. O Instituto da Árvore, ONG local de defesa da natureza, tem um projeto para a criação de um parque linear, no intuito de recuperar a qualidade ambienta do rio. O Rio Grande, em sua foz, forma a Ilha dos Pescadores. Ele também sente o aproximar de construções em suas margens, a redução da mata ciliar e do mangue. O canal retificado por onde corre o rio Tavares separa o Itaguá da Barra da Lagoa (que Barra do Rio Grande não tem mais lagoa alguma); mais acima, passa pelas Estufas I e II. O Acaraú, que passa nos fundos do curtiço do Itaguá, já foi lugar de pesca e caminho de canoa; hoje, retificado, assoreado e poluído, é motivo de preocupação a cada chuva mais forte.

Abaixo, o trecho de um papo com as mulheres que trabalham na limpeza do camarão, no trapiche da Ilha dos Pescadores: Aparecida Benedita dos Santos, 58 anos; Rosangela de Oliveira, 45 anos; Graciela Oliveira dos Santos, 50 anos; Edineide Soares Fiuza, 63 anos; Neide Gonçalves de Moura, 64 anos; Mariana dos Santos, 36 anos; Maísa Alves da Silva França, 26 anos; e Nilmara Santos, 34 anos.

Procissão do Divino

{E o rio Grande? Vocês falaram que o rio antigamente dava pra lavar roupa...}

Lavava roupa, a gente tomava banho nesse rio aí à vontade.

{Pescava?}

Pescava também, aqui era muito branquinho, limpinho, tinha menos moradia também, foi aumentando moradia, negócio de esgoto que falam que vai fazer e nunca fizeram.

{E o que vocês pescavam nesse rio?}

Tainha, robalo...

Tainha dava vontade até de você pegar com a mão de tanta tainha.

Meu pai pegou um robalo aqui desse tamanho, sem brincadeira, não coube no isopor de tão grande que ele era.

A falta de peixes nos rios segue como uma preocupação. O senhor Nilson, que mora da Ilha dos Pescadores, acredita que algumas ações simples podem ajudar a resolver essa questão.

> **“Se dragasse o rio, os peixes voltariam tudo. Os rios assoriados sufocam o meio ambiente.....A rio Santos fechou a passagem dos rios, não foi culpa dos caiçaras. Não deixam tirar areia, dragar o rio, não tem troca, dificulta o aumento do fluxo de água e consequentemente o retorno dos peixes.**

Nilson da Costa Mateus, 40 anos - Pescador

Os participantes do processo de caracterização no Itaguá destacaram, já na primeira oficina, a hidrografia local, a qual ramificava em diversos riachos pela região. Quando o rio enchia, as crianças não conseguiam atravessar para algumas áreas. A meninada se reunia para catar os chuchus da Dona Celeste. Tinha fartura nas hortas e pomares pelo bairro. Dona Maria José contou um pouco sobre sua infância no bairro do Itaguá, as lembranças do Rio Acaraú, onde pescavam pitú, tomavam banho e lavavam suas roupas. A escola Altimira nunca havia sofrido com enchentes, que esse evento começou a ocorrer depois que houve a canalização do Rio, a escola não tinha muros e não “existia maldade”.

Os mais velhos lembram de sua infância no bairro do Itaguá, as lembranças do Rio Acaraú, onde pescavam pitú, tomavam banho e lavavam suas roupas. Dona Maria Joana de Oliveira Campos, de 84 anos, nascida no Itaguá, fala um pouco sobre isso:

Barra do Rio Grande

Adonias da Conceição, pescador

“A questão do prédio é o seguinte: nós somos contra prédio, que estrutura tem pra prédio? Não tem estrutura nenhuma, a estrutura é o rio Acaraú. Ou vai dizer que é mentira? Era a Barra da Lagoa aí mudaram pro Acaraú. Eu acho que tudo pra progredir, pra dar certo, tem que ter estrutura. Primeiro, pensar na estrutura. Não jogar no rio. Vai poluir o mar. Logo, a Praia Grande... Já estão jogando esgoto naquele riozinho lá, sabe disso? Eu sei que estão jogando. Logo vai estar poluída a Praia Grande. Tenório, por enquanto, não corre riozinho ali ainda. Se tivesse rio também já tava começando. Vendem 3, 4 casas aí, terrenos, onde cabe 24, 30 pessoas, faz um prédio que vai 200 pessoas, 100 pessoas. Por aí você vê... Que estrutura tem pra esgoto? Não tem nada. Não tem planejamento pra isso. Antigamente a gente tomava água do rio. Minha mãe limpava peixe, lavava louça. Água limpinha... Não era essa lama”.

Perto do rio, existia uma árvore com um buraco no meio que era usado no processo de feitura da farinha, para travar a prensa e colocar os tipitis (artefato de palha usado prensar e escorrer a mandioca), “ao abaixar a prensa era solta a goma da mandioca”. Além disso, contam que em outras árvores, pros lados da Jundiaquara, os buracos eram usados para amarrar os trabalhadores escravizados; e que, há até pouco tempo, ainda se escutavam chiados e gemidos.

Contaram também sobre a antiga estrutura da praça hoje conhecida como praça da Baleia, antigamente conhecida como a praça de Santos Dumont (havia um avião e um busto do aviador no mesmo no local).

Carmelina Campos relatou sobre as grandes roças que existiam no bairro do Itaguá e na Jundiaquara, que cobriam morros; ela lembra da roça de sua avó “dona Josefa” que ficava às margens do rio Acaraú, onde plantavam cana de açúcar, café, feijão, milho e outros cultivos, de subsistência. Os comunitários relataram também sobre a mudança da paisagem e que, para acessar a Praia Grande, era necessário atravessar um morro que foi suprimido.

Eles contam que, quando eram crianças, acreditavam que o “o mundo acabava depois do Cristo”, pois havia uma moradora albina (que as crianças acreditavam ser uma bruxa), que morava depois do matagal onde esse Cristo de localizava. Eles acreditavam que quando ela atravessava esse matagal ela iria para outro mundo.

Segundo a comunidade, uma das maiores perdas históricas para o bairro foi a demolição da “casa mal-assombrada”: uma antiga casa de fazenda, localizada na Jundiaquara. O dono da fazenda era também dono do antigo shopping Porto Itaguá, onde havia um cinema, cujo fechamento também é motivo de lamentação.

Os causos falam de casarão assombrado e da lenda do lobisomem que percorria as sete praias uivando. Os curiosos observavam as pessoas apresentavam escoriações nos braços e joelhos, para tentar adivinhar quem era o lobisomem.

“Na fazenda tinha um casarão, embaixo tinha a senzala, o lugar dos escravos, tinha aquelas munhequeiras pra prender os escravos, pendurado, tinha tudo aquilo lá, tinha aquelas correntes com bola pra não fugir... Tinha tudo isso lá dentro”.

Carmelina de Oliveira Campos, 63 anos,
nascida no Itaguá.

Mário Ricardo de Oliveira (o Mario Gato), hoje morador do Ubatumirim, contou sobre uma estrada de ferro que seria construída para o escoamento de café, ligando o cais até Taubaté, passando por dentro da Marafunda e perto da Estufa I, na transição do Império para a República. Quem contava as histórias sobre essa estrada de ferro era o Sr. Filinho, senhor Washington de Oliveira, um farmacêutico da medicina popular, que escreveu três livros sobre Ubatuba.

A religiosidade marcava, e ainda marca, a cultura e vida no dia a dia do bairro. A capelinha do Itaguá, construída com esforço dos fiéis, raramente recebia missas; e as famílias caminhavam até o Centro para suas rezas.

“É, a capelinha do tio Albino, ele dava a doutrina, as meninas davam doutrina pra gente, tinha as rezas, o padre vinha rezar missa, era uma capelinha pequenininha, não era igreja. (...) Era praticamente um padre pra toda região porque a matriz, por isso que tem esse nome até hoje, porque ela era realmente a matriz, pra toda Ubatuba. Quando a gente tinha missa aqui eram padres que vinham passar férias aqui. Quando eles vinham, eles rezavam aqui. Esse do centro de vez em quando vinha, mas não era sempre. O Itaguá não dependia muito nesse sentido porque junho eles rezavam muito, pra cada santo era uma novena, as pessoas daqui se organizavam “.

Maria Joana de Oliveira Campos,
de 84 anos, nascida no Itaguá

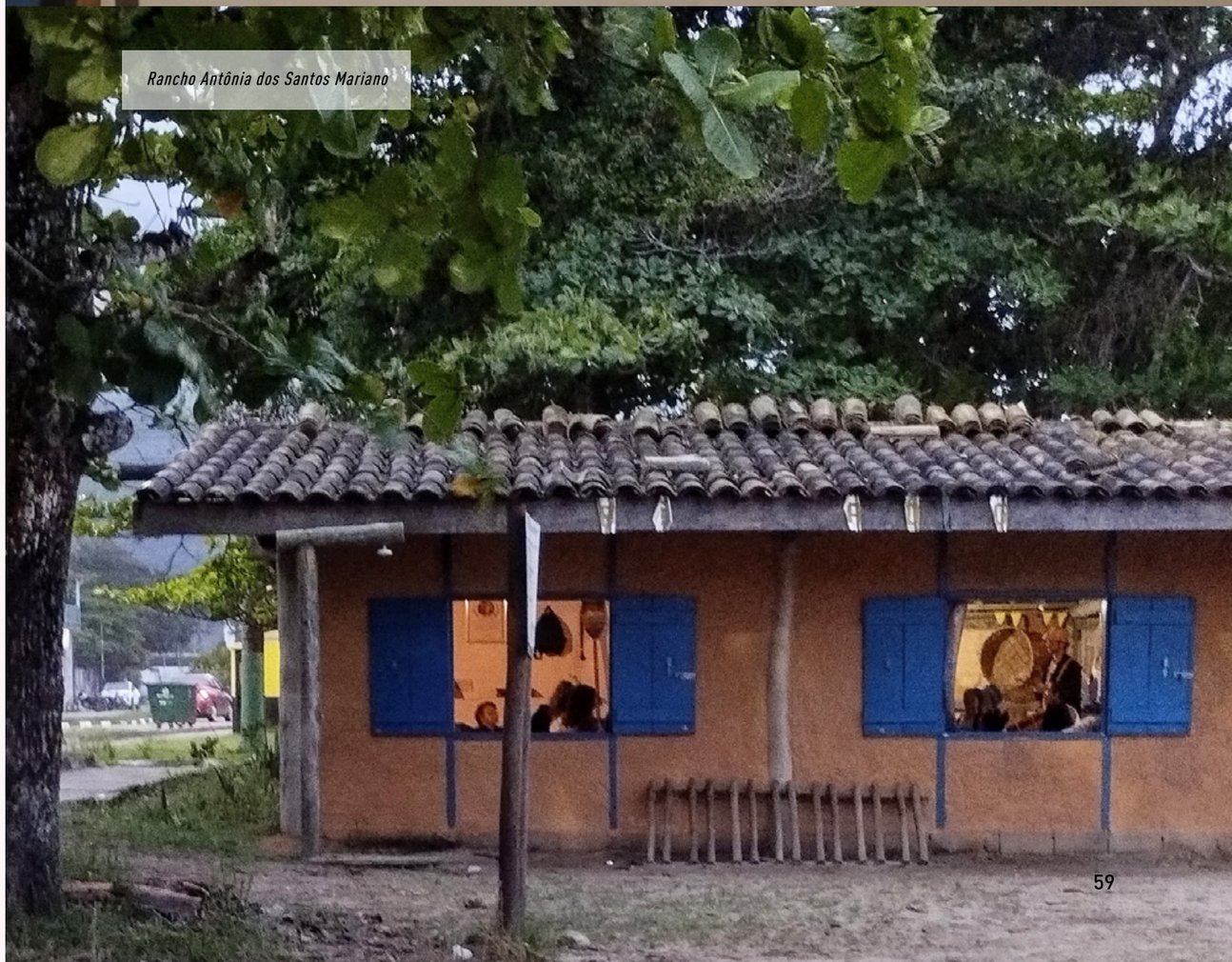
Capelinha e nova igreja do Itaguá

Seu Dormantino Teixeira, Pescador

Havia um tempo em que o Centro da cidade se resumia ao entorno da Igreja Matriz, às praias do Cruzeiro e de Iperoig, às praças Nóbrega (Cadeia Velha) e Anchieta (Casarão) e à Capina (um terrão onde a turma jogava bola), que o Itaguá e a Ponta Grossa eram cobertos por roças e casas de sítios caiçaras. Isso era antes da BR 101. Nessa época, as famílias caminhavam até a praia do Perequê-Açu, em seus momentos de lazer. A areia monazítica atraia pessoas em busca por tratamento de artrose e outras enfermidades. No que hoje é um bairro com o nome da praia, onde erguem-se prédios, também havia roças, galinheiros e chiqueiros; crianças, jovens e marmanjos formavam times que jogavam em vários campos de futebol. Nos meses com vento, o céu era colorido de pipas ou papagaios. Na praia, eram concorridos os concursos de escultura de areia.

Os moradores do Perequê-Açu contam de sobre uma enchente, que veio em forma de enxurrada e arrastou porcos e galinhas. “Quando a água baixou, o pessoal foi tudo catar os bichos pra cozinhar. Distribuíram as galinhas pra cidade toda. Todo mundo comeu frango naqueles dias”.

Hoje, o bairro guarda tradições, inventa e reinventa-se em grupos culturais. Tem o Boi de Conchas, o grupo de Maracatu, tem samba e batucada. A cultura negra se faz presente em terreiros de religião de matriz africana, na capoeira, na música e nas danças.



Rancho Antônia dos Santos Mariano

O rancho caiçara Antônia dos Santos Mariano, na praia do Perequê-Açu, é uma conquista de dois grupos organizados, a AARCCA e o grupo de capoeira Peregrinos; e foi viabilizado, em 2018, por. uma parceria com a Prefeitura de Ubatuba e a Associação Argonautas. O trecho abaixo foi retirado do portal Tamoios News [1]

1 https://www.tamoiosnews.com.br/noticias/cidades/rancho-no-pereque-acu-sediara-oficinas-de-remo-canoa-rede-de-pesca-e-cestaria/):

"Por meio da lei municipal nº. 4455 de 08/12/21 veio a permissão de uso de área pública para a Associação Amigos Remadores Canoa Caiçara – AARCCA e Associação de Capoeira Angola e Tradições Brasileiras Peregrinos de Ubatuba– ACAPU, em parceria com o Instituto Argonauta, para fomento de atividades culturais, no Rancho Caiçara, no bairro do Perequê – Açu. A autorização para a homenagem a Antônia dos Santos Mariano ocorreu em 2020, lei nº4308 de 05/10/20, após votação entre outras 12 indicações.

Antônia dos Santos Mariano, nascida no bairro do Taquaral em 13 de junho de 1913, ficou órfã de pai, ainda na infância, e devido às condições de vida da época começou a trabalhar para ajudar sua mãe nas tarefas que eram necessárias para o sustento. Casou-se com Alfredo Mariano de Cristo, com quem observou a lida das puxadas de rede, de grandes lances de tainha no Perequê-Açu. Participou das Folias e das Funções de Xiba e Bailes de Fandango.

Onde estava tornou-se ponto de encontro e de descanso, sempre acompanhado de um café com garapa, banana cozida e um saboroso pixé, cará e biju. Escalava, salgava e colocava os peixes para secar. Seu modo de vida fez de nossa homenageada: 'um pilar da Cultura "

Roda de Samba no Rancho Antonia dos Santos Mariano

O Rancho Caiçara Antonia dos Santos Mariano é um equipamento de promoção da saúde, como nos conta o psicólogo Luiz Aparício, nascido no Centro de Ubatuba e membro do grupo de capoeira Peregrinos:

"Então, a história do Rancho é o seguinte: a gente já vinha falando aí, há um tempão, da necessidade de um espaço de convivência. Já havíamos tentado, uma outra época, num local público aí que não deu certo, com a prefeitura. Na época era a FUNDAC, que era um centro de convivência, quando eu trabalhava no SUS, no CAPS [Centro de Atendimento Psicossocial). Fiz o chamado espaço João Alegre, mas não deu certo com a mudança de gestão. Porque a gente sabia da importância de espaço de convivência, onde atividades culturais e tudo acontecesse, pra fortalecimento da identidade cultural, da identidade do povo. Uma visão de olhar sanitário e pensar na saúde das pessoas através de um ambiente de convivência, que pudesse fortalecer a identidade, que se construísse uma estrutura sólida na satisfação, na autoestima, porque a cultura tem esse poder, a identidade de um povo garante a eles muitas vezes um sentimento de pertencimento, que isso é saudável, e a gente sabia isso na saúde mental, discutimos muito sobre isso, um aspecto da psicologia social".

Luiz segue contando que, a partir do diagnóstico de que era necessário um espaço comunitário para a fruição cultural caiçara no Centro de Ubatuba, foi conversar com o mestre Mário Gato e o pessoal da AARCCA. Decidiram fazer o rancho em mutirão, com material doado pelo Instituto Argonauta. Hoje, o rancho é espaço de encontro e reunião; de festas e, também, de organização social e política dos povos e comunidades tradicionais s de toda Ubatuba.

Imagem aérea do Pereque-Açu - Google Earth, 2023

Corrida de Canoa

Outros pontos de encontro da cultura caiçara na região central de Ubatuba são locais de trabalho da cadeia produtiva da pesca, como os ranchos de pesca do Perequê-Açu e do Itaguá, o trapiche e o mercado na Ilha dos Pescadores. São também os lugares do bate-papo e das "mentiras de pescador", como o Cornu's Bar, na esquina da ponte que leva à Ilha, o Bar Netuno, ou Bar do Caju, atrás da Igreja Matriz, e o Bar do Baby, junto ao campo de futebol do Itaguá. O esporte, aliás, reúne diferentes gerações de ubatubenses.

Os churrascos de domingo e as festas das crianças, na Ilha dosa Pescadores, são espaços de confraternização da comunidade, que se orgulha da tranquilidade local. Caracterizado pelas casas de pescadores, com vielas que levam ao trapiche, crianças brincando e trabalho comunitário representado nas mulheres que limpam camarões, lulas e peixes, a depender da época do ano, o bairro aguarda, há décadas, por uma política de regularização fundiária que lhe dê maior garantia de preservação de sua paisagem física e cultural. No início do ano de 2024, a comunidade reestruturou sua associação de moradoras, que esteve desativada por muito anos.

"Os primeiros moradores da Ilha dos Pescadores foram o Manoel Paulino [Manoel Francisco dos Santos] e o Manoel Leopoldo... Na época eu vim me abrigar aqui com nove anos de idade, que eu conheci a Ilha. Eu cantava aqui, eu tocava viola, a gente fazia farinha e naquela época existia um sossego, uma tranquilidade. E um bom acesso ao Centro da cidade. Na época tinham quatro, cinco casas. As casas eram quase iguais agora, de bloco e alvenaria, não era de taipa, eram cobertas por brasilit [começou com um rancho de canoa, as casas começaram a ser feitas de madeira e chão batido, com o tempo os filhos foram reformando com blocos]. Além das casas existiam os comércios, tinha a DR, que era a SUDELPA. Na época já tinha a colônia, que era o seu João Coutinho que cuidava, que morava ali no casarão e tinha os barzinhos da noite que a turma tocava violão, ali na rampa. Tinha o primeiro mercado de peixe, o trapiche. Depois de dez anos já tinham umas doze casas, aí foi indo. Os filhos do seu Manoel Paulino, do Manoel Leopoldo... a maioria dessas famílias eram daqui mesmo, tudo filho deles. Era o Brasilino, o Ursulino, o Bidico, o falecido Carmo, tudo filho do Manoel Paulino. Aí o filho do seu Manoel Leopoldo era o Claudionor, o Luisinho e das outras famílias, a Cidinha a Lurdinha, Dona Oracina. Todo esse pessoal nasceu aqui dentro da Ilha, os filhos, né? Aí foi expandindo, foi crescendo, vieram outras famílias caiçaras que os filhos também permanecem por aqui até hoje. Já existia o estaleiro de pesca, que na época era do Fininho. Aí tinha mais o estaleiro do Alemão ali do lado. Foram esses caras que eu conheci na época. Eu tinha nove anos de idade, em 1968. E pra pesca é muito bom também. É de fácil acesso pra descarga, pra carregar rede, enfim. Pra pesca aqui é um lugar muito desejado. Todo mundo quer vir pra cá hoje, deixar seu barquinho, que nem eu, né? Tenho meu barquinho de pesca, de passeio. Há cinquenta e seis anos isso aqui era muito bom. A Ilha foi crescendo devido ao acesso livre, acesso bom. Ela foi evoluindo até o ponto que chegou agora. Mesmo assim, eu prefiro a Ilha dos Pescadores."

Ademar Domingos dos Santos, 68 anos.
Ilha dos Pescadores

Barcos de pesca na barra do Rio Grande, Ilha dos Pescadores

Jogo no Campo do Itaguá

Abaixo, trecho do papo com as mulheres na limpa do camarão, no trapiche:

{E vocês gostam de morar aqui na Barra?}

Muito. A gente desde criança já conviveu com todo mundo aqui, senta aqui atrás, conversa, toma cervejinha, faz um churrasquinho e assim vamos, né...

{Vocês gostariam que retomasse a festa pra cá? Caiçarada, São Pedro...}

Ah, seria bom, né? Só que agora, com o Mercado de Peixe ali, acho que atrapalha um pouco, né?

O estacionamento hoje em dia já tá pequeno pros clientes que vêm pro Mercado de Peixe, se você chega aqui num sábado de manhã, menina, até pra gente sair daqui é carro batendo em carro porque não tem...

Mas a Caiçarada seria legal, uma coisa menor, não é tão grande como a Festa de São Pedro...

{O que precisaria aqui na Barra pra vocês viverem bem? Tem alguma coisa que falta?}

O que a gente queria era um espaço pra criançada brincar, eles não têm onde brincar.

Se vai brincar em algum lugar tem carro, tem os chatos que a criança não pode se virar que tá reclamando, que tá xingando...

Lá no Mercado é carro, aí você vem pra cá bate no vidro de uma casa, derruba um vaso.

{E como era a Barra antigamente? O que mais tinha de diferente que hoje não tem? Vocês lembram dessa parte? Como era ser jovem aqui na época de vocês?}

Naquela época a gente tinha mais espaço, acho que tinha espaço, tinha menos perigo na rua, saía, voltava de madrugada pra casa, não tinha os perigos que tem hoje. Hoje você não pode confiar em deixar uma jovem sair, chegar 1h, 2h da manhã porque pode ser estuprada, pode ser assaltada. Antes não. Antes você podia sair sossegada. E aqui tinha espaço pra criança, hoje não tem porque aumentou a moradia, agora com o Mercado de Peixe, então delimitou muito, não tem espaço pra nada. Aí a criança vai brincar num lugar e já vem alguém: seu filho jogou a bola no meu vidro, quebrou aí, pronto, já arruma encrenca. Então a gente fica brigando com eles: não brinca aqui, não brinca ali, muito ruim isso aí. Antes não, ali antes era todinha pra gente, tinha campo de futebol, tinha o pessoal que fazia festa em dia das crianças aqui na Ilha, tinha muita coisa, hoje não tem mais nada.

Os participantes do processo de caracterização na Ilha dos Pescadores apontaram, como uma de suas fortalezas, o catolicismo e as expressões culturais ligadas ao calendário religioso. A Igreja Matriz está pertinho do bairro e festas como as de São Pedro, com sua procissão de barcos, e a do Divino Espírito Santo mobilizam toda a comunidade caiçara da região. Porém, moradores da Ilha reclamam da alteração do local da festa de São Pedro, que, antigamente, era realizada lá e, hoje em dia, acontece na praça de eventos, na avenida Iperoig. Também contestam a alteração da data de realização da Festa do Divino, que vem se convertendo em atração turística.

O turismo marca a paisagem na região central de Ubatuba e os serviços relacionados são as principais fontes de trabalho e renda. Ainda assim, destaca-se a pesca artesanal como atividade econômica importante. Os ranchos de pesca, as embarcações na baía, estaleiros e oficinas navais na Ilha dos Pescadores e as peixarias são indicadores de que a pesca continua viva.

Nos bairros, mesmo aqueles mais afastados da orla, é possível encontrar redes de pesca, cavaletes com motor de barco, canoas, petrechos e outros elementos que remetem à atividade pesqueira.

Luiz Carlos Nascimento

O carpinteiro naval, Juvenal Morais, nascido no Espírito Santo, mas com longa vivência em Ubatuba, conta do assédio que sofre para vender o terreno de seu estaleiro, revelando o risco de um processo de gentrificação na Ilha dos Pescadores, que está no Centro, em área valorizada da barra do Rio Grande.

> **“Já apareceu proposta, uma pessoa parou o carro ali, olhou isso aqui: nossa, isso aqui daria um hotel lindo aqui na beira do rio. Mas eu falei: aqui não [risos]. Esse aqui não. Não me interessa vender, não interessa. Eu saio de casa, é a maior alegria, minha esposa até fala: poxa, você quando entra aqui na Barra, você se transforma, a alegria, o sorriso. É o que eu gosto de fazer”**

Juvenal Morais, 61 anos.

Já as áreas de roça foram tomadas por casas e prédios. Porém, ainda é possível encontrar quintais com ervas medicinais, temperos, pequenas hortas e pomares. Alguns sítios resistem, principalmente “do lado de lá” da BR 101, próximo a bairros como Estufa II, Sumaré, Jardim Carolina, Sumidouro, Taquaral e na estrada da Cazanga

Abaixo, trechos da roda de conversa com os fazedores de cultura, no Taquaral: sr. Manoel Moisés - Neco (81 anos, Prumirim, Barra Seca e Taquaral), Sr. Dionísio Roque Leite (72 anos, do Puruba e Taquaral), seu Zé Moura (70 anos, Taquaral), Mário Gato (Itaguá e Ubatumirim), Larissa Mariano de Cristo (Sumidouro).

{Tem inhame, tem batata doce, tem mandioca plantada?}

Não tem porque ninguém deixa limpar. Não deixa fazer roça. No tempo do meu pai, eu e mais três irmãos, trabalhávamos na roça com meu pai, plantava 20, 30 quilos de milho por vez. Rama, teve uma época que nós plantamos rama, levamos 5 anos arrancando mandioca. Hoje você não pode roçar 5, 6 metros pra plantar um quilo de feijão que você é multado. E a gente tem terra. A gente paga o INCRA. Vai legalizar um pedaço pra plantar, não pode. Banana, a gente tirava caminhão cheio pra mandar pro CEASA em São Paulo. Porque podia roçar, podia plantar...

(...)

Tem uns 4 anos que eu fiz um projeto da agricultura familiar, tem uma engenheira ambiental que tá mexendo pra mim. Mas a gente tem a terra, a gente paga o INCRA, quer fazer uma coisa, quer roçar pra você ter, comer, vender, dar pros outros, você não pode, não consegue.

(...)

E hoje tem muito mais casa do que antigamente, só que naquele tempo eram casas mais distantes uma da outra, porque eram roças.

Igreja Matriz de Ubatuba

ECONOMIA LOCAL E PRÁTICAS DE SUBSISTÊNCIA

ATIVIDADES RELACIONADAS À CADEIA PRODUTIVA DA PESCA ARTESANAL: A PESCA, O PESCADO, AS EMBARCAÇÕES E O MERCADO

Trecho de entrevista, em roda de conversa, com a mulheres que trabalham a limpeza do camarão, no trapiche da Ilha dos Pescadores: Aparecida Benedita dos Santos, 58 anos; Rosangela de Oliveira, 45 anos; Graciela Oliveira dos Santos, 50 anos; Edineide Soares Fiuza, 63 anos; Neide Gonçalves de Moura, 64 anos; Mariana dos Santos, 36 anos; Maísa Alves da Silva França, 26 anos; e Nilmara Santos, 34 anos.

Com quem vocês aprenderam a limpar camarão?

Com a minha avó.

E sempre limparam camarão aqui?

A gente começou a limpar lá na frente, não tinha essas casas ainda, minha mãe tinha um barraquinho lá na frente, a gente limpava lá. Ou então embaixo do poste, quando não tinha barraca ainda. Depois que foi feito o barraquinho ali, onde é a casa do meu irmão, aí construíram e a gente fez aqui primeiro. Depois passamos pra cá.

Isso faz quanto tempo? Que passou pra cá...

Não lembro. Acho que uns... Bastante.

E a Barra era assim como a gente tá vendo hoje? Como era?

O rio passava lá, o rio era ali, encostado na casa do meu irmão. Depois foi construindo e foi vindo mais pra cá, mas batia lá embaixo, não tinha essas casas, era só casa que tá lá na frente, tinha só um ranchinho que a gente limpava o camarão, o resto aqui não tinha nada.

E a maior parte das pessoas daqui vivem da pesca?

Todos. Todos da pesca.

Que tipo de pesca que tem aqui?

A pesca do camarão, pesca do rosa, pesca do branco, pesca dos peixes, todo tipo de peixe.

E é fácil ser pescador?

Nada fácil...

Por que não é fácil?

Não é fácil por causa das leis que eles inventam aí, tem leis que em vez de ajudar o pescador acaba prejudicando. Tem coisas que são feitas por turistas e a culpa cai em cima do pescador. Se pega um peixe diferente numa rede lá, o pescador é que paga, não são eles, o pessoal que mergulha, que faz essa pesca de arpão, tudo isso prejudica o pescador, acaba caindo sobre eles.

E vocês se consideram pescadoras?

A gente se considera porque a gente vive, né? Eu ainda trabalho fora, mas a gente antes trabalhava só no camarão. Peixe mesmo também, vinha peixe pra gente limpar aqui, era mais da pesca mesmo.

Aqui vocês limpam mais camarão ou limpam outras coisas?

Camarão, lula, de vez em quando, quando tem um peixinho também, a gente limpa...

E por que vocês não limpam só camarão como principal fonte de renda?

É mais camarão mas quando tem a parada (defeso), né? Então a gente limpa outras coisas, tem a lula, se vier um peixinho a gente limpa, mas o principal é o camarão mesmo.

Mas vocês conseguem viver só da limpeza do camarão ou tem que trabalhar com outras coisas?

Consegue viver do camarão, é que tem a parada, então na parada você tem que ter um jeito de poder receber que nem eles recebem o auxílio da pesca, se a gente pudesse receber também, mas tem muita gente que não recebe.

Maria Clara

Trecho de entrevista com o Zeca da Peixaria do Itaguá, de 67 anos, nascido no Itaguá:

E o senhor tem essa peixaria desde quanto tempo?

Tem 30 anos. Reformei tem uns 5 anos. Mas faz 30 anos que eu tenho ela. Eu mexi com peixe também lá no Centro, trabalhava nas peixarias lá também, no mercado de peixe. Aí aprendi a limpar o peixe e vim fazer meu comerciozinho aqui.

E o senhor trabalhou lá quantos anos?

Trabalhei 10 anos no mercado de peixe.

Mas o senhor é pescador?

Não, já pesquei. Uns 40 anos atrás. A gente foi pescar em Santos, pescaria de sardinha. Mas aí não acostumei, não, e voltei embora pra cá.

Mas era mais pescaria industrial?

Era industrial, profissional mesmo. Barco com 20 tripulantes. Eu nunca tinha ido, então não acostumei, voltei embora.

Aí de lá você foi trabalhar no mercado?

Isso, aí voltei, e comecei a trabalhar no mercado de peixe. Mas naquele mercado antigo, não esse atual.

E de onde que vem os pescados?

Antes eu trabalhava com peixe fresco da nossa região, aí foi ficando difícil, não tinha mais peixe quase pra gente comprar, aí comecei a trabalhar com peixe congelado, tenho um fornecedor que fornece pra mim, vêm de Santa Catarina os peixes. Já vem tudo embalado, é industrializado agora, né?

E o que aconteceu com os peixes daqui?

Na verdade foi acabando. Aqui no Itaguá tinha 3 fábricas de conserva de sardinha. Hoje não tem nenhuma, devido à falta da sardinha aqui na nossa região.

Acabou. Mesmo os peixes, é difícil conseguir agora, porque os próprios pescadores já vendem na praia mesmo, eles comercializam, não entregam mais. Antigamente não tinha pra quem eles comercializar, eles entregavam pra gente, hoje já não é mais assim. Se a gente não trabalhar com peixe congelado, você acaba não trabalhando.

De quanto tempo pra cá, você percebe que teve essa mudança do peixe, de estar diminuindo...?

Acredito que uns 15 anos pra cá começou já a ter essa falta de peixe.

O senhor acha que é por causa do quê?

Vai só tirando, tirando, não dá tempo dele reproduzir, vai acabando, né? E tem essas pescas em barcos grandes, que pegam toneladas...

Quais espécies de peixe que sumiram?

A sardinha é uma delas. A sardinha sumiu. Se quiser comprar sardinha tem que encomendar o caminhão quando vai pro Rio de Janeiro pra trazer de lá. Porque aqui não tem mais. Aqui a pesca era muito grande, tinha muita sardinha. Hoje não tem mais. Vários outros peixes acabaram, garoupa já não tem mais como tinha antes, vários peixes de costeira, você vai na costeira não tem mais peixe quase. Pega uns peixinhos pequenos só.

O pessoal pegava aqui no Itaguá mesmo?

Ah, no Itaguá, na época eu era garoto, eu ia ali na costeirinha do Itaguá, em meia hora eu trazia um monte de peixe na varinha de bambu. Vai lá hoje você não pega mais nada, acabou.

Entrevista do Zeca da Peixaria para a pesquisadora Luisa

Trecho de entrevista com seu Bidico Gordo, nascido no Ubatumirim e morador da Ilha dos Pescadores do Itaguá, desde a juventude. Falecido aos 77 anos, pouco depois de conceder a entrevista ao projeto Povos.

O que o senhor mais gosta de pescar? Qual época do ano e qual peixe?

Eu era mais de camarão, que tinha rede. No começo largava espinhel, matei cação até de 200kg, 180 kg... Agora na rede quando trabalhava lá em Bertioga pegava, 3 toneladas, 2 toneladas...

E algum filho seu seguiu pescando?

O meu filho Claudemir continua. No barco daquele que tem o restaurante no Itaguá, que é lá do Prumirim, o Gil. (...) Em 69 eu aposentei, que não deu mais pra trabalhar, tive que vender o barco, meu filho não quis trabalhar comigo.

Mas a pesca deu pra criar a família toda?

Graças a deus.

E o senhor acha que a pesca antigamente era melhor ou pior que hoje?

A pesca de antigamente era melhor até agora uns 3 anos atrás. Depois que entrou essa água gelada que tá derretendo lá e tá passando aqui pelo Brasil, desse lado do sul, desde o Rio Grande do Sul, você viu que tainha não deu esse ano. A tainha que deu foi daqui mesmo, que mataram aqui alguma.

Aquela outra tainha que é mais daqui, né?

É, aquela que faz aquela corrida, que vai e volta, não veio não. Só mataram tainha daqui mesmo.

E o senhor acha que essa corrente fria tá vindo por quê?

Isso aí não tem jeito, acaba com tudo. A água tá gelada.

Você acha que o defeso que os órgãos colocam estão na época certa ou como o mar mudou, mudou também o comportamento?

Não, isso agora tá errado. O certo era de março a junho, eles desovando e depois já tá maior, agosto, outubro.

Trecho de entrevista com carpinteiro naval Juvenal Morais, que nasceu em Vitória (ES), em 1962, e se mudou para Ubatuba aos 21 anos. Ele veio para cidade para montar um estaleiro na região do Ubatumirim. Atualmente, mantém uma carpintaria naval na Ilha dos Pescadores e mora no bairro Estufa 2.

Há quantos anos o senhor trabalha com a carpintaria naval?

40 anos, aqui em Ubatuba. Gostei daqui, me casei aqui, minha esposa é filha do Barriguinha, do campo do Itaguá, a Josefa. Gostei daqui, vamos trabalhar aqui, consegui, graças a deus, consegui isso aqui com ajuda de um amigo meu lá de Ribeirão Preto. Um belo dia, eu trabalhava aqui como meeiro, uma pessoa que entrava com o trabalho e a pessoa entrava com o estaleiro. Aí comecei a trabalhar (...)

Quantas pessoas trabalham?

Só eu e ele (Vanderlei). Aí quando tem bastante serviço a gente chama outras pessoas de fora pra trabalhar. A gente dá o serviço pra pessoa fazer, a pessoa acerta com o dono da embarcação... (...) 4 barcos, a gente puxa um pequeno lá na frente que é muito baixo lá... O grande puxa aqui atrás, aqui... Eu tava até pra fazer, bater uma laje aqui mas...

O senhor só mexe com a carpintaria?

Carpintaria naval só.

Não mexe com motor, essas coisas?

Não, aí já tem o mecânico que é o Fininho, o torneiro Luiz, tudo aqui dentro, nós tínhamos até a fábrica de gelo que ia ser montada ali, só que o barulho é imenso e não deu certo, porque o barulho é muito forte. E o custo da fábrica de gelo é muito alto. Como você vai vender essa pedra de gelo? Quanto você vai vender essa pedra de gelo pro pequeno pescador? Fica difícil, aí tá até abandonado... (...)

Essas pessoas que vêm trabalhar aqui com vocês, também são carpinteiros navais?

Carpinteiros navais e eles aprenderam no dia a dia, assim, sem ser no estaleiro como eu, no estaleiro grande, de grande porte. (...)

Tem alguma ferramenta que você desenvolveu pra trabalhar aqui com esse tipo de barco?

Nós temos, ferramenta a gente compra, o maquinário é o martelo, o formão, a enxó, a plaina, plaininha de mão, essas coisas... (...) Eles que trabalham pra fora, a não ser dentro do estaleiro, eles trabalham de um jeito... É complicado. (...)

E vocês constroem o barco do zero?

Constrói.

O que vocês usam pra construir o barco? Qual material?

Pra fazer a estrutura do barco, a gente usa muito Ipê e o Cumarú, até o Faveiro, são madeiras duras, madeira que aguenta mais com o tempo. O barco é uma coisa que não tem grande manutenção porque você não tem como cuidar dele. (...)

E compra madeira onde?

Nós temos vários depósitos aqui, Ubatuba não tem do que reclamar, nós temos tudo na mão. Temos grandes lojas, temos grandes madeireiras... Houve uma

O carpinteiro naval Juvenal

reunião com o pessoal de São Sebastião um tempo atrás, negócio da APA, essas coisas. O pessoal tava questionando: poxa, Ubatuba tem tudo. Tem carpinteiro, tem estaleiro, tem fábrica de gelo, tem oficinas mecânicas, tem madeireiro, tem lojas de material...

Da outra vez que a gente veio aqui o senhor falou que a pesca tá diminuindo, por quê?

A pesca tá diminuindo porque não tem trabalhador, pescaria você tem. O peixe hoje tá aqui, amanhã tá na Picinguaba, depois em Paraty, ele não fica parado. O camarão também, dependendo da maré ele se esconde, se enterra, você não consegue pegar ele. Entendeu? A pescaria não acaba. Você tem que fazer o defeso pra quando ele for procriar essas coisas, o pescador não vai lá pegar o filhotinho. Faz o defeso nessa época e depois acabou. Proibir é difícil. Todo mundo quer comer um peixinho, todo mundo quer comer um camarãozinho. Como você vai comer se não pode pescar?

Trecho de entrevista com o presidente da Colônia de Pescadores Z10, Jerri Eduardo Morais, de 57 anos. Jerri é nascido no Ubatumirim e morador da Ilha dos Pescadores, onde também fica a sede da Colônia.

E quais são as principais reivindicações da Colônia?

É a mesma do pescador. Pra você ser presidente da Colônia tem que ser pescador. A reivindicação nossa é a voz do pescador. Hoje as normativas que estão aí, são leis que são feitas, não se discute nas bases, que agora nós estivemos com o Cristiano Ramalho, que é o nosso Secretário Nacional da Pesca Artesanal, estão tendo conversações grandes, vamos ver se a gente consegue agilizar várias portarias que estão aí, leis. Eu sei que hoje ainda tá complicado pra trabalhar.

Por quê?

Não se pode pescar. Hoje nós estamos com portarias, tem tanta lei aí que o pescador tá ferrado. Não é desse momento agora, já começou anos atrás. Antigamente, eu tinha uma embarcação pequena, de pequeno porte, tenho ainda. Mas eu podia pescar uma lula, podia pescar um peixe, só que assim... Se critica tanto o arrasto de camarão, eu se estou ali arrastando camarão, acho camarão miúdo, não quero matar aquele camarão, o que eu faço? Ah, vou levantar minha rede, vou guardar aqui, vou ver se consigo pegar um peixe. Porque a turma fala que é só pegar. Não é só pegar. Tem que ter técnica e muitos anos de experiência. Você vai lá pescar um peixe. Como você vai pescar um peixe se você não tem licença? Aí eu sou obrigado, tanto eu como meus companheiros todos que estão aí, a arrastar. Forçaram a gente hoje a trabalhar numa atividade que nós somos obrigados a, ou você mata aquele camarão ali, tenta escolher o máximo que você pode, ou você para. E se eu parar, tanto eu quanto meus companheiros, a gente passa necessidade. A nossa briga hoje, a Colônia é um representante do pescador, então a fala deles é a fala minha. Eu até falo que eu não falo como presidente da Colônia, eu falo como pescador. Às vezes me esqueço que sou presidente da Colônia. Mas eu falo muito com a voz do pescador porque a gente precisa mudar isso, tomara que como agora tá tendo a Secretaria da Pesca Artesanal eles consigam assimilar essa continuidade da vida do pescador porque nós aprendemos a fazer isso. Eu canso de falar uma coisa: eu posso me tornar um biólogo, é só fazer uma faculdade. Mas vocês não vão se tornar pescador nunca na vida, porque isso vem de berço, e não adianta: ah, eu vou comprar um barco e vou trabalhar. Não vai nada. (...) O pescador vai viver do quê? Não pode matar uma lula porque tá acabando com tudo. (...). Essa é a dedicação da Colônia e de todos os pescadores que estão aí. Queremos só trabalhar. As normativas, portarias, leis que estão aí, não são discutidas com o setor. Seria sentar em uma mesa e conversar, hoje nós conversamos muito com a APA Marinha, a gente sempre tá caminhando junto pra ver se a gente consegue reivindicar isso. Porque São Paulo, Brasília, e vai caminhando... E estamos nessa correria pra isso. Pra isso que serve a Colônia. (...) muitos colocam a gente como destruidores, eu já boto primeiramente Sabesp, rede de esgoto que não tem, nossos rios que estão sendo poluídos, hoje estão fazendo esse serviço aqui que é Mar Sem Lixo, imagina que a gente faz isso há anos, eu tô com 57 anos, eu faço isso desde que eu tinha 25 anos de idade. Nós não fazemos isso de agora, não fazemos isso porque é moda ambiental, nós fazemos isso por saber que nós dependemos do mar. Petrobras que tá aí acabando, passando esse monte de cano aí fora, e afeta a gente, logicamente, por sermos pequenas embarcações de pesca artesanal, nós somos diferentes da industrial. Somos pequenos. Tô falando como nós sentimos hoje, porque hoje nós viramos bandido. (...)

Fachada da sede da Colônia de pesca

Jerri Eduardo Moraes, Presidente da Colônia.

Por que você acredita que a exploração do pré-sal está impactando diretamente os pescadores?

Dentro do nosso gerenciamento costeiro, muitas áreas de pesca foram proibidas, e não tem pesquisa, logicamente alguém tem que pagar essa pesquisa. Se a Petrobras tá aí, 30, 40 anos que vai ficar aí tirando petróleo e passando com os navios pra lá e pra cá, é cano, são os navios... Aquilo mexe com a pesca, e a gente tá falando pros caras: vão usar? Que se pague, gente. Tem pesquisadores hoje aí que nós não sabemos, mas hoje nós estamos com a pesca de cação proibida, pesca de camarão que mudaram o defeso e não tem pesquisa, não foi bom pra nós esse ano, se você falar com qualquer pescador, ele vai falar pra você: não foi bom pra nós. Abriu com camarão miúdo, estamos já em agosto, continua o camarão miúdo, porque foi fechado errado. Agora não se muda mais. Enquanto não tiver pesquisa, a gente vai reclamar... Então a gente não tem muito essas pesquisas, é no achismo, vamos fechar e acabou. E a Petrobra s ela impacta, pode falar que não mas na última passagem, não sei se foi mexilhão, nós aqui, praticamente lá no lugar que passava os canos, você não trabalhava mais. Perdemos muito material, o pessoal de São Sebastião e Caraguá, então, passava e deixava o material. O impacto foi grande, parece que não, e ainda tá aí, eu acho que pra mim continua. Também sei que a Petrobras é soberania nacional, nós sem petróleo somos meio dominados, mas ainda acho que ela deve muito pra população, pras comunidades tradicionais. E nós nos incluímos nelas, o pescador artesanal.

Trecho de entrevista com o pescador Ademar Domingos dos Santos: “tenho 64 anos e sou pescador artesanal profissional, estamos aí trabalhando na pesca mas a pesca hoje tá meio defasada com todos os problemas que estamos tendo, fiscalização ambiental, a gente não tá trabalhando direito e estamos sofrendo um pouquinho as consequências. Também a gente tem que receber apoio de alguns órgãos, principalmente Petrobrás, Justiça Federal, essas coisas, porque não estamos trabalhando em paz. Quando a gente quer trabalhar, a ambiental chega e prende a gente, apreende os petrechos, rede, às vezes o barco tá um pouco irregular, não dão chance pra gente arrumar, já chega e leva. Então tá meio difícil a pesca em Ubatuba”.

Seu Ademar é morador da Ilha dos Pescadores, onde mantém um galpão, que recebeu as reuniões e oficinas do projeto Povos. Ele nasceu no Prumirim, viveu um tempo na Picinguaba, onde nasceu seus filhos e, há 20 anos, está na Ilha.

E qual a técnica que o senhor usa pra pegar esses peixes? Rede, rede boiada, de fundo?

De fundo, maioria rede de fundo. Fundo e costeira.

Usa espinhel também?

Não, por enquanto não. Tá proibido espinhel, né? Rede boiada é proibido. Então você fica de mãos atadas. Porque geralmente a gente mata o peixe da safra. A gente quer o peixe que tá na época boa, que não vai atrapalhar a reprodução.

Seus pais são do Prumirim?

Nascidos e criados no Prumirim. Horácio Domingos dos Santos e Maria Lucia de Oliveira. E os meus avós também, o sr. Amador Domingos dos Santos e Maria Clementina de Jesus, da parte do meu pai. Por parte de mãe, Benedito Coutinho dos Santos e minha avó morreu muito cedo, não conheci.

E o que te fez vir pra Ilha?

A gente tem que correr pra frente, né? Você não pode voltar pra trás. [risos] O que me fez vir foi o porto aí, que é bom de sair e entrar, a barra, a própria comunidade também. Você fica com uma base pra isso, né? E a base minha eu fiz aqui.

O senhor vende seu peixe onde?

Vendo aqui no mercado, entrego nos restaurantes, peixaria, depende da quantidade.

E o senhor tem outro ofício, outra coisa que o senhor faça?

Eu sou mil e uma utilidades, né? Trabalho de pedreiro, sou carpinteiro também, faço tudo, trabalho com obra também.

Carpintaria naval faz?

Faço também. Agora vai chegando a idade, vai cansando, mas o mar não me cansa não.

E filho o senhor tem quantos?

Minha esposa teve 2 mas só tem minha filha agora que um é falecido. Só a Nilmara. E netos são 3, um filho do meu filho que morreu, e 2 da minha filha. A continuação da vida, né?

Sua esposa te ajuda na pesca?

Pra manipular o pescado ela ajuda. Eu limpo, faço a manipulação, ela vai pesando, embalando e guardando.

Ela vai pra pesca também?

Não. Só na época da lula, uns 15 anos atrás, ela ia comigo pescar. Pescava durante o dia, à noite, às vezes tirava marisco também, no comecinho do nosso casamento, a gente ralou pra caramba, eu e ela juntos aí. (...)

(...)

Já viveu alguma aventura nesse mar aí, passou algum perrengue?

Ah já, muito. Já fiquei no mar, caí na água, já fiquei 6 horas e 15 minutos à deriva, sozinho, em 74. A gente tava lá pescando, pescava sardinha na época. Aí o barco foi e eu fui fazer um serviço na popa, o barco bateu no mar, eu caí. Me pegaram 9h15 da manhã. (...) 19 de junho, inverno, tava frio, passei um sufoco do caramba, um medo de um bicho chegar e me comer. Fiquei 5 dias internado, numa colcha térmica, pra poder voltar a circulação de novo, fiquei ruim pra caramba.

Mas nunca deu medo, voltou pro mar depois...

O mar não tem culpa de nada, quem tem culpa é a gente. A gente que tem que ter respeito com ele. (...)

E algum caso de assombração já viu?

Não, isso nunca vi não. Eu ouvi uma vez na Ilha da Rapada, em 87 ou 88, lá tinha, lá eu ouvi. Eu tinha um barco chamado Del Mar, a gente foi lá pra pescar, matar vermelho, bateu mais ou menos 15 pra meia-noite começou a assobiar lá. A ilha é mal assombrada mesmo, os escravos

Silmara de Oliveira, Pescadora

antigamente, os piratas, guardavam ouro lá dentro. E como é uma ilha ruim de acesso, escondia o ouro lá. Depois de um certo tempo que começaram a fazer as baldeações que iam pro sul, voltavam, passavam lá e pegaram o ouro, escondiam. Aí ficou mal assombrada.

Qual foi o maior peixe que o senhor já pegou?

Já peguei um tubarão grande, acho que deu 523kg, uns 5 metros. A boca desse cação, chamado tintureira, tinha um metro. Peguei em Boraceia. Enrolou 4 redes assim. Amarramos ele, no reboque. Grandão. (...)

Uma boa pesca, quando sai, volta com quantas toneladas?

Quando a gente trabalhava com embarcações grandes, barco de 20 metros, 18 metros, trazia uma média de 60 toneladas, 40 toneladas, de sardinha, isso é uma produção boa. Mas peixe mesmo, carapau, por exemplo, peixe galo, esses tipos de outros peixes, era mais pouco. (...)

E vendia pra alguma fábrica?

Levava pro Rio, pra Coqueiro, pra aquela salga e lataria, na Ilha Grande, pra fazer a lata, mas eu mais descarregava na Coqueiro, no Rio. Às vezes levava pro sul também. Aqui em Ubatuba tinha, aquela salga, aqui no canto do Itaguá e tinha outra aqui perto do Ipiranguinha; tinha uma fábrica também, não lembro o nome. Aí descarregava 3, 4 barcos aqui e o resto ia tudo lá pro Rio. Era muita coisa, naquela época tinha muita sardinha. Naquela época não tinha aparelho que tem hoje.

ATIVIDADES RELACIONADAS À CADEIA PRODUTIVA DO TURISMO

Abaixo, alguns trechos da conversa entre Elvio de Oliveira Damazio - filho de Manuel Damazio e Celeste de Oliveira Damazio, de 72 anos, nascido no Itaguá, na estrada do cais, subida que vai pra Vermelha, passando o rio Acaraú – e Silvio Cesar Martins – "daqui de Ubatuba, natural, nascido e criado aqui, minha família é toda daqui. Meu pai é o Emidio Alves Martins, falecido, minha mãe é Dioneia de Oliveira. Também nasci do bairro do Itaguá, eu sou do pessoal do Parú, daqui da Ponta Grossa, aqui da Praia do Cedro"

Os dois comentaram sobre o turismo em resposta a outras questões, como a situação da pesca e as mudanças no modo de vida do caiçara. A menção ao turismo como alternativa de trabalho e renda é evidenciada, principalmente, pelo fato da escassez da pesca e do endurecimento das regras ambientais e criminalização de práticas tradicionais.

"Hoje você não vê mais o caiçara ali do Itaguá. Você vê pela corrida de canoa. Antigamente o Itaguá era o início da corrida de canoa, começou ali, tudo ali. Hoje você vai numa corrida de canoa, é raro ver alguém do Itaguá. Aqueles raízes mesmo das corridas de canoa, aqueles netos, os filhos, não tem mais. Começaram a não entrar pra esse lado e ir pra outras atividades, turismo náutico..."

Dia a dia dos trabalhadores do mercado da ilha dos Pescadores.

“Ubatuba é uma cidade praiana, tem muitas praias, então tem uma beleza... Eu já viajei pro sul e pro nordeste inteiro e igual Ubatuba eu tô pra ver. Porque aqui cada praia é uma praia, cada uma tem sua beleza, tem sua costeira, tem seu tipo de areia, tem tudo... Então os turistas começaram a vir pra cá e começaram a ver essa beleza. E eles tinham um poder aquisitivo maior do que o pessoal caiçara aqui. Então eles começaram a comprar uma terrinha aqui, uma terrinha ali... E o caiçara é aquele um que pra ele... Muita gente acha que o caiçara é um povo vagabundo. O caiçara não é um povo vagabundo. O caiçara é um povo que não tem ganância. Ele se contenta... Antigamente, se contentava com menos coisa ainda. Meu pai tinha uma horta lá em casa que o pessoal ia fazer feira lá dia de sábado. Meu pai plantava de tudo que era da época. Aí o pessoal ia lá e pegava couve, alface, tomate, não sei o quê... Aí um levava um peixe pra ele, outro pegava uma galinha caipira, levava lá no domingo, ou pagava uma cerveja pra ele... Ele também tinha criação de pato, de galinha, de tudo...”

(...)

“O caiçara não tá tendo direito nenhum mais. Eu sou caiçara aqui, se o florestal chegar ali e me pegar com a minha canoa ali, ele vai me prender, vai prender o material, porque a documentação que eu tenho tá incompleta. Não vou tirar um dia pra ir pra São Sebastião, pra fazer inscrição de canoa, pagar 700 reais que eles cobram pra ir tirar medida da canoa. Você tem que pagar pra um engenheiro, você não pode tirar sua medida. Aí depois você vai lá outro dia pra assinar mais não sei o que, vai lá outro dia pra buscar documento. O caiçara não tem saco pra isso, alguns não têm nem dinheiro. Então vai se acabando. Aí entra o turismo. Hoje em dia a gente tem bastante amigo nosso, o próprio filho do Elvio trabalhou um tempo, ainda trabalha com escuna, tem amigos nossos que têm as escunas próprias, é o turismo que tá sendo a parte mais fácil de trabalhar. Então o caiçara vai perdendo isso aí. Hoje você não vê, como a gente era, a gente ficava esperando o barco do Mané Bié, o barco do Preá chegar na praia pra gente pegar um pouquinho de camarão pra ir na costeira pescar. Hoje quando eu chego na praia com a minha canoa, não tem um pra me ajudar a puxar a canoa.”(...)

Silvio e Elvio

Barra do Rio Grande

“Sorte ainda que pros jovens ainda têm outro tipo de trabalho, de comércio, o turismo, pra poder agregar esse pessoal. Porque se não tem também ia ser pior ainda. Hoje tô falando do bairro do Itaguá que é a nossa prioridade aqui, falando em pesca, você olha ali hoje, na praia, tem um ponto ali do rancho dos pescadores, ali congrega uns 4 ou 5 pescadores”

O turismo, que está intimamente ligado à especulação imobiliária e problemas decorrentes, também pode ser, por outro lado, indutor de processos de resistência cultural, quando ele tem a sua base na comunidade. A arte e o artesanato caiçara, sua gastronomia, suas histórias e seus causos são atrativos de um turismo interessado não apenas nas belezas naturais e na badalação da cidade turística, mas sim, e principalmente, na cultura do povo que nela vive.

Abaixo, trechos de uma conversa entre fazedores de cultura, na sala da sra. Peola e do Sr Neco, no bairro Taquaral. Participaram da conversa, sr. Manoel Moisés - Neco (81 anos, Prumirim, Barra Seca e Taquaral), Sr. Dionísio Roque Leite (72 anos, do Puruba e Taquaral), seu Zé Moura (70 anos, Taquaral), Mário Gato (Itaguá e Ubatumirim), Larissa Mariano de Cristo (Sumidouro).

Seu Zé Moura mantém um quiosque que serve pratos da gastronomia caiçara na praia do Perequê Açu.

E em Ubatuba não tem indústria, grandes empresas... Como o pessoal jovem vai trabalhar?

Se você tem 2 mil pés de banana plantados, se você vai mandar pro CEASA, pra feira, você vai arrumar um serviço, um emprego pro jovem, porque ele vai cortar banana, ele vai trazer, ele vai despencar, vai lavar, vai encaixotar. Porque hoje tem muitas pessoas que moram nos bairros que dependem disso pra viver porque na cidade não tem serviço pra eles.

E tem turismo o ano inteiro?

Não. Ubatuba não. Antigamente tinha turismo o ano inteiro em Ubatuba, hoje não tem mais. Ubatuba é uma cidade que não é divulgada. Uma cidade morta. Só sai na televisão quando acontece desgraça.

A prefeitura hoje dá muito poder pras construtoras, né? Ela alega que a construção civil emprega muita gente... E na hora que não tiver mais gente pra comprar esses apartamentos, né?

Hoje, a prefeitura tá liberando pra apartamento, sabe o que vai acontecer amanhã ou depois? Eu não sei se eu vou ver ou você vai ver. A praia de Ubatuba não vai prestar.

Se em vez da prefeitura ter esse foco desse turismo de comprar apartamento e vir de vez em quando, ela passasse a divulgar o que é verdadeiramente rico na cidade, que é essa cultura que vocês estão aqui me apresentando, a folia, a festa do divino, a agricultura, a pesca artesanal, o artesanato, a arte em geral... Você acha que poderia ter mais turista? Um turismo diferente?

Eu acho que sim porque se tem coisas relativas ao turismo, a pessoa que vem de fora fica curiosa pra ver o que tem. Ele vai ver o que tem, qual é o destaque da cidade, o que tem num bairro, o que tem no outro bairro... Mas Ubatuba não tem nada disso. Eu era associado da Casa do Artesão, éramos nós que pagávamos aluguel, água, luz... E nós éramos funcionários da loja, cada dia eram dois ou três que trabalhavam de manhã e dois ou três que trabalhavam à tarde, não pagávamos funcionário. A prefeitura nunca nos ajudou. Teve uma época que veio um dinheiro pra ajudar a Casa do Artesão, chegou na prefeitura e sumiu. Ninguém sabe pra onde foi o dinheiro. Como é que se desenvolve uma cidade dessa?

E qual a importância de organizações como a AARCCA, como o Museu Caiçara, o Fórum de Comunidades Tradicionais? Como é essa batalha de manter essas organizações?

É uma luta pra gente porque o apoio do poder público chega a ser ridículo. A AARCCA faz o circuito há 3 anos e esse ano a gente foi pedir apoio na Fundart e com muito custo conseguimos que eles patrocinassem a premiação do circuito. São 6 etapas. Eles poderiam fazer disso um super evento na cidade, né? São 6 praias diferentes, são 6 comunidades diferentes que vão ser atingidas. E cada corrida de canoa são muitas pessoas que vão participar, que vão ver, um público muito grande. Se a prefeitura investisse mais nisso, atrairia um público maior ainda praquela comunidade.

Barco enfeitado da Procissão marítima da Festa de São Pedro

E junto com a corrida vai grupo de fandango, o artesão pode ir expor...

Sim, que poderia acontecer tudo isso se a gente tivesse mais apoio. A gente tem pessoas que vêm de fora pra assistir. A gente tem um patrocinador que tá ajudando a gente na confecção das camisetas que ele tá vindo com a família dele, tá dando um super apoio, porque ele viu, porque ele tava numa praia, assistiu uma corrida de canoa, adorou e quer participar, quer ajudar, e tá dando um super apoio. E a prefeitura até agora tá super dificultando nossa vida. A Secretaria de Esporte que falou que ia dar um apoio não tá dando esse apoio, não deu, não deu uma satisfação pra gente, então é bem difícil, é uma corrida contra o tempo pra conseguir qualquer tipo de patrocínio com eles. A gente teve a Festa de São Pedro agora, que foi um descaso total com a cultura, tanto da corrida, do fandango, até mesmo com o Renato Teixeira que foi a apresentação final, um som que tava péssimo. Eles não dão atenção pra cultura de jeito nenhum.

EXPRESSÕES CULTURAIS, FESTAS E CELEBRAÇÕES

A sequência do papo com os fazedores de cultura na sala da dona Peola, no Taquaral, traz a história de resistência cultural representada nos grupos de Folia.

"Porque eles precisam, é obrigação da Fundart colocar e dar apoio cultural, mas não faz. Porque a gente vai fazer festa pra eles". Se aquela casa existe lá é porque um dia nós fizemos aquela casa caiçara e tá até hoje porque virou moda, é um negócio aconchegante, vai todo mundo lá. É um produto da festa. (...) Os caras pagam 20, 40 mil pro pessoal de fora, a gente fica ali ganhando 2 conto, correndo atrás, fazendo festa pros caras, então não adianta mais, não... Eu tô fora. Aí vem falar pra fazer um baile pra ser cortesia da festa, é brincadeira...

(...)

Eles poderiam oferecer uma barraca, cada um numa barraca sem custo. Não, cada pessoa que quiser pegar uma barraca pra vender alguma coisa é 3 mil reais.

Se o senhor quiser montar uma banca do seu artesanato tem que pagar.

Teve uma época da Festa de São Pedro que tinha até estande de venda de carro, eu me lembro disso aí. É extremamente comercial a festa. A parte tradicional e religiosa já foi há muito tempo.

Falando em religião, essa expressão católica é importante pra união dos caiçaras, pra entender o caiçara como comunidade...? E ela tá ameaçada?

Porque os caiçaras mesmo, os caiçaras velhos, os antigos, nunca deixaram da tradição deles, da festa de São Pedro, do Divino... Sempre teve a tradição.

Tem os padroeiros dos bairros...

É que nem aqui, aqui a gente tem a capelinha da Nossa Senhora do Rosário. Quando chega na época da festa, a gente se une e vai fazer a festa. E vem muita gente de fora. Mas a prefeitura não dá apoio, nada. (...)

A Folia continua visitando as casas? Ela visita mais casas ou menos casas hoje? Como é a receptividade?

Menos. Antigamente, quando a Folia saía pra região norte, região sul, tinha 20, 30, 40 pessoas que vinham acompanhando. Hoje não. Hoje a gente sai com a bandeira aí, quando aparece demais é 2, 3 pessoas.

Por que o senhor acha que diminuiu esse interesse?

Primeiro que teve muito evangélico e outra que tem muitos que acham que a tradição não serve. Mas pra mim, eu tô com quase 82 anos, desde criança acompanhei a Folia, gostava muito, uma das coisas que nunca vou deixar, vou morrer nessa religião e com essa tradição. Então o pessoal de antigamente era um pessoal religioso, um pessoal católico, um pessoal que não era empregado, vivia da roça, quase todo mundo vivia da roça. Aí quando chegava a Folia, juntava aquele povo e vinha, era a única festa que existia.

Aí cada um dava o que tinha da sua roça pra contribuir com a alimentação...?

Antigamente a Folia pousava na casa, todo mundo que vinha comia. Não tinha ajuda de ninguém, tinha ajuda só do cara que dava pousada. Hoje não, hoje a gente anda por aí é aqueles gatos pingados [risos].

(...)

Hoje estão acabando as festas porque não tem influência das autoridades, dos órgãos competentes. Porque se tivesse, eu digo pra você que a hora que uma bandeira do Divino entrasse num bairro, tinha 30, 40, 50 pessoas acompanhando. Porque todo mundo sabia que aquilo ali era uma tradição. Vai em São Luiz do Paraitinga pra você ver. Tem fazendeiro lá que dá 15, 20 bois pra fazer o afogado. Porque tem a tradição, tem a influência. Mas aqui, cada dia que passa...

(...)

Eu vejo a Folia do Divino assim, antigamente, se você pegar 1950 exatamente, Ubatuba tinha 7600 habitantes. O centro de Ubatuba aqui eram poucas famílias, até porque existia uma estrutura de casarões aqui, questão de economias, onde as famílias com dinheiro depositavam, café, cana, teve um processo econômico muito forte aqui, até um projeto de construção de um porto. Então houve um financiamento do governo brasileiro pra Ubatuba e existia um projeto de construção do porto, que era pra ser aqui, graças a deus não prosperou. E a Folia do Divino, naquele tempo, no centro de Ubatuba, eram poucas famílias que moravam no centro. Se tinham famílias no centro, e casas muito longe uma da outra, eram famílias que migravam já dos extremos pra morar aqui onde estava tudo mais concentrado, mais fácil, que o povo era sofrido, não tinha nada. E a Folia naquele tempo acompanhavam 40, 50, 60 pessoas, chegava numa praia, o povo acompanhava a Folia até a outra praia... Tinha a casa de pouso, tinha até fandango ali, né, na maioria das vezes... E tinha um personagem muito importante naquele tempo que agora é a Peola, que é o mordomo, então a Folia tem um vínculo muito forte com a igreja católica, até porque a Folia, quando ela veio pro Brasil, mandavam os escravos músicos, e mandavam bandeira pros lugares mais extremos onde a igreja não ia, pra fazer essa função. Era vinculada à igreja católica, tanto que o mordomo, a função dele, chegava num bairro, ele arrecadava farinha, porco, pra Festa do Divino, que era no mês de maio, não no mês de julho agora, outra festa que virou comercial. (...) Mas eu vou falar de hoje, eu consigo fazer essa ponte porque converso com muita gente antiga, então eu vou encaixando

Procissão do Divino

as peças. Não é que hoje tem menos pessoas, é que naquele tempo, 100% das pessoas, se tem um por conta da igreja presbiteriana, protestante, já no século XIX, que foi na Picinguaba, que foi o primeiro lugar, pessoal mais antigo que já foi doutrinado com protestantismo presbiteriano, radical naquele tempo era, praticamente 99% eram católicos, então era muito comum em cada praia ter uma capela por devoção, era muito comum. E hoje tem muito mais casa do que antigamente, só que naquele tempo eram casas mais distantes uma da outra, porque eram roças. Tem muito mais gente do que antigamente. O volume de famílias, dava impressão que tinha mais gente, mas eu acredito que não. Eu posso estar muito errado mas eu sou bem curioso com essa questão. Então eu vejo que hoje o número é muito maior. Se você for tocar todos os dias, acho que em um mês, dois meses, você não faz, que antigamente faria. Fora as pessoas que a gente não canta, que as pessoas não sabem que a Folia vai lá, porque se as pessoas soubessem que a Folia tá no bairro, a gente não dava conta, não.

Tem relação com outras folias?

A bandeira do Divino de São Luiz todo ano o rapaz vem, vai na praia lá no quiosque. Fizeram a oração, fizeram a reza lá dentro... Entendeu? Depois pegou a bandeira, colocou no carro, veio aqui em casa, trouxe a bandeira, fizemos a oração tudo direitinho, saiu, foi pra outra casa. Isso aí é a tradição do povo de antigamente. Hoje não tem isso porque ninguém se interessa e porque não tem apoio.

Procissão do Divino

Como é o apoio da própria igreja, das paróquias, dos padres atuais, da diocese de Ubatuba, se tem algum apoio, como é esse diálogo...?

O padre dá apoio. Portanto nessa igreja daqui, essa capela daqui aconteceu um problema, aí a diretoria daqui foi até o padre lá do Perequê que agora é igreja matriz, que antigamente a matriz era só na cidade. As outras dos bairros eram todas capelas. Agora a do Perequê-Açu é igreja, paróquia.

(...)

Hoje a Folia do Divino desvinculou da igreja porque a própria igreja dá as costas pra Folia do Divino. Qualquer festa antigamente era em torno da igreja, uma dança da fita, uma congada, a própria corrida de canoa nasceu por conta da criação da capela de Nossa Senhora das Dores do Itaguá, foi em comemoração, tinha um vínculo religioso naquele tempo. Hoje em dia não. Um dos fatores que acabou com a nossa cultura foi a igreja evangélica. Você não tenha dúvida disso aí. Eu vi cada depoimento de pessoal antigo que a igreja conseguiu manipular essas pessoas dizendo que viola era coisa do diabo... Muito pelo contrário, era uma forma de celebrar a roça, a pesca, era muito comum numa praia ter uma capelinha e um santo de devoção. (...) A Folia é uma coisa original da abertura e do encerramento da festa e eles não dão a mínima, acha que a Folia é folclore, não tem valor, porque na hora que eles vão sair com as bandeiras, que vão fazer as procissões, tinha que ter os foliões da Folia tocando as músicas do Divino, e participando junto, mas não, saem só com as bandeiras e outras músicas. Então não é tradição. É tradição diferente.

E qual a esperança de ver jovens participando?

Eu costumo levar meus filhos pra incentivar.

A juventude de hoje é muito pouco que acompanha isso. Se for pensar por esse lado, de hoje pra amanhã acaba tudo. Porque a juventude de hoje... Antigamente tinha muita gente porque o pai e a mãe iam, os filhos respeitavam o pai e a mãe, o avô e a avó e ia junto.

Grande parte das expressões culturais está ligada ao calendário católico, como as festas de santo (São Pedro, por exemplo) e a Festa do Divino. Ainda há quem busque bendição e reza. A dona Maria, do Itaguá, é a memória viva de um tempo em que tudo se resolvia com oração, bençãos, chás e unguentos.

Eles plantavam alguma coisa nesse morrinho? Tinha roça?

Tinha, de mandioca, antes o que plantava era muita mandioca, café, mandioca, banana... Era muita mandioca, tanto que até a Praia Grande era plantada, minha avó tinha roça.

Tinha casa de farinha, Dona Maria?

Tinha, forneava, fazia farinha, engenho pra moer e fazer caldo de cana, pirão pra fazer café, tinha cafeeiro.

Como era a vida em torno da capelinha? A senhora já frequentava a capelinha desde cedo?

É, a capelinha do tio Albino, ele dava a doutrina, as meninas davam doutrina pra gente, tinha as rezas, o padre vinha rezar missa, era uma capelinha pequenininha, não era igreja.

Era praticamente um padre pra toda região porque a matriz, por isso que tem esse nome até hoje, porque ela era realmente a matriz, pra toda Ubatuba. Quando a gente tinha missa aqui eram padres que vinham passar férias aqui. Quando eles vinham, eles rezavam aqui. Esse do centro de vez em quando vinha, mas não era sempre. O Itaguá não dependia muito nesse sentido porque junho eles rezavam muito, pra cada santo era uma novena, as pessoas daqui se organizavam.

Como é esse calendário? Quais eram as datas mais importantes?

Santo Antonio, São João... O padre vinha rezar, tinha procissão, tinha tudo, agora acabou tudo, né?

Eu acho que aqui a religiosidade era muito forte, no sentido de que a gente não dependia muito e se organizava. Por exemplo: maio, era o mês inteiro de reza, de terço, então todos os dias tinha um terço.

Como era a quaresma? Na quaresma recolhia? Entre o carnaval e a páscoa?

A quaresma era que a gente rezava, tinha só reza, depois o padre vinha celebrar missa.

A senhora fazia jejum?

Sim.

A minha avó era muito religiosa.

Sexta-feira santa não tinha comida em casa, não. Ela só fazia canjica e era o dia inteirinho de canjica, ninguém comia um feijão, um peixe, uma salada, nada, nada. Abria a panela, era uma panelada de canjica que comia até no outro dia.

Igreja do Itaguá

Sebastião

Tinha horário certo pra rezar, pra se recolher?

A minha avó não deixava a gente pentear o cabelo, varrer a casa, era só oração, ela era bem distinta nesse sentido.

Não deixava mesmo, uma vez a gente queria pentear o cabelo que as moças queriam sair pra passear, pegava e escondia tudo os pentes pra gente não pentear o cabelo.

E depois que passava esse período, passava a páscoa, podia ir pras festas?

Aí sim, podia pentear o cabelo, podia ir na festa, agora na sexta-feira santa não.

O que não podia fazer na quaresma?

Minha vó falava assim: não suba no telhado, não vão caçar, pescar, ela nunca deixou. Sempre acontecia alguma coisa na sexta-feira Santa com quem abusasse, ela falava. E acontecia. Eu vejo muito isso, que o pessoal acha que é feriado e vai cuidar de telhado, sempre acontece alguma coisa. E olha que é impressionante, eu falando isso, mas quando eu tava num período com meu pai no hospital, na sexta-feira santa, o que chegava de gente caída de telhado, que aproveitava pra fazer outras coisas no dia e acabava... Então eu lembrava da minha avó. Porque ela falava que era um dia muito sagrado, que era um dia pra estar em jejum e oração. E isso era básico, então a gente já sabia. Todas essas coisas de religiosidade que a gente aprendeu foi com a minha avó, ela sempre tinha isso.

Quem te passou o dom de ser benzedeira?

Minha mãe.

E desde nova a senhora já sabia que tinha esse dom?

É, ela me ensinou, né? Que nem a Folia vinha, do Divino, aí o menino viu a folia vindo, correu e se escondeu atrás da porta. Aí o folião cantou: escondesse atrás da porta mas o divino vos viu, queira deus que não aconteça o que aconteceu com teu tio. Porque o tio, vinha a bandeira, os foliões, tudo, e a procissão vinha vindo, ele correu e enfiou-se, um galho de pau entrou aqui que varou aqui, ficou pendurado no galho de pau morto. Aí os foliões cantaram, foram lá tirar o corpo dele. E o outro veio e escondeu atrás da porta. Aí eles cantaram.

É que antes, a folia, me parece, que eles procuravam alguma coisa pra versar, então é igual àqueles repentistas, acredito, porque toda vez eles observavam e cantavam. Tinha muito isso.

(...)

Como era antigamente a folia? Como era a chegada da folia? Avisava antes? A folia dormia, como era?

Os foliões que eram de longe dormiam, dava pouso pro pessoal, almoço também.

O que tinha nas festas?

Tinha como tem agora. Tinha as rezas na casa do tio Albino e do tio Quinca, as procissões que faziam.

Tinha dança, música, comida...?

Tinha dança de São Gonçalo... (...) [tio Chico chegou]

Meu tio tem conhecimento. Tio, fala um pouquinho do armazém que tinha aqui no Itaguá antigo. Conta pra elas. Senta, tio.

A cultura é aqui entendida como o conjunto de elementos que constitui um povo e comunica seus modos de ser e fazer. A comunidade caiçara da região central de Ubatuba se faz representada em personagens que expressam e reproduzem um modo de vida próprio. As duas tabelas abaixo buscam trazer alguns nomes e alguns dos temas percorridos por esta caracterização. A primeira tabela apresenta algumas das pessoas que narram esta publicação. Na segunda tabela, estão nomes que, por algum motivo relacionado ao processo da pesquisa, não chegaram a ser entrevistados pela equipe do projeto.

REPRESENTANTES DA COMUNIDADE CAIÇARA QUE NARRAM ESTA PUBLICAÇÃO

PERSONAGEM	TEMA
Diego (gresmai) e Élvio	Grêemio Recreativo Escola de Samba Mocidade Alegre do Itaguá Festa Junina, com dança da fita e quadrilha
Mário Gato e Maria Flor	Chegada da Folia
Marinho	Fandango e construção caiçara
Dona Maria	Benzimento
Chico Preto	Futebol
Zeca da Peixaria	Pesca e histórias de antigamente
Zé do Suré	Artesanato
Seu Neco	Folia, Fandango e artesanato
Dionísio, do Sumidouro	Pesca e artesanato
Seu Norivaldo	Artesanato
Família do Bigode	História
Família do Alfredo Mariano e Antonia dos Santos Mariano	História
Seu Ademar e esposa	Pesca e história da Ilha dos Pescadores
Jerri	Colônia de Pesca Z10
Mulheres que limpam camarão no trapiche	Modo de fazer
Juvenal	Carpintaria naval

Fiel em oração na casa caiçara

Diretoria da GRESMAI, da esquerda para a direita: Diego Campos, Fábio Prado, Henrique Rosário, Pedro Barroso

Festa Junina da GRESMAI

Boi de Conchas

PRÁTICAS DE CUIDADO

A promoção da saúde entre os povos e comunidades tradicionais encontra lugar nos espaços de afeto, na reprodução cultural, nos quintais com ervas, raízes e cascas; em bênçãos, rezas e rituais. O cuidado é solidário e familiar. Na região central de Ubatuba, os laços de solidariedade comunitária permitem que as práticas tradicionais se mantenham, ainda que ameaçadas pelo mal chamado "progresso". Dona Maria, do curtiço do Itaguá, recebe os aflitos para benzimentos; e reza para que o tempo e o mar sejam gentis com os pescadores.

É o Pai, é o Filho, é o Espírito Santo, que corta o vento, a ventania, mandai pro mar sagrado da Virgem Maria, nesse dia, em nome de Deus e Nossa Senhora, assim serão protegidos todos os pescadores, em nome dessa Virgem Maria, eu vos corto vento e ventania, pro mar sagrado, filho da Virgem Maria, assim em nome de Deus e Nossa Senhora e nossa mãe, essa ventania passará e o tempo passará e nada acontecerá.
Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, amém.
Ave Maria, cheia de graça,
O Senhor é convosco,
Bendita sois Vós entre as mulheres,
Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus,
Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte, amém.
Deus, em nosso Senhor, esse tempo será acalmado, em nome dessas pessoas da Santíssima Trindade Pai, Filho, Espírito Santo, amém.
Reza de Cortar o Tempo – gravação feita com dona Maria Benzedeira.

ASSOCIAÇÕES COMUNITÁRIAS

Associação de Moradores do Perequê-Açu – AMPA

Sociedade Amigos do Itaguá – Sabiá – desativada

AARCCA - Associação dos Amigos Remadores de Canoa Caiçara

Associação de Capoeira Angola Peregrinos de Ubatuba – fonte: https://www.solutudo.com.br/empresas/sp/ubatuba/associacoes-fundacoes/associacao-de-capoeira-angola-peregrinos-de-ubatuba-2059958

Conselho Municipal dos Povos e Comunidades Tradicionais

Associação dos Pescadores de Ubatuba

Associação dos Moradores, Proprietários e Pescadores da Comunidades Tradicional da Ilha dos Pescadores - AMPPCTIP - criada no fim de 2023 com inscrição do cnpj em 2024.

ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL E PROJETOS SOCIAIS

Colônia dos Pescadores Ministro Fernando Costa (Z10)

Associação dos Maricultores de do estado de SP – AMESP
Fonte: Infográfico da Economia Solidária de Ubatuba

Coletivo de produção e consumo responsáveis Rede Agroecológica Caiçara
Fonte: infográfico economia solidária Ubatuba

Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Ubatuba – STTR
Fonte: infográfico economia solidária Ubatuba

Instituto Argonauta para Conservação Costeiro e Marinha – IACCM

Projeto TAMAR

Associação Socioambientalista Somos Ubatuba Assu
Fonte: pesquisa na internet pelos termos “associações de bairro Ubatuba”

ACIU - Associação dos Comerciantes de Ubatuba

Associação Dos Comerciantes do Bairro Itaguá

CONFLITOS E AMEAÇAS AO MODO DE VIDA

A principal preocupação dos caiçaras que resistem na região central de Ubatuba é com a especulação imobiliária, que eleva o valor dos imóveis e, consequentemente, do IPTU. Além disso, o adensamento populacional leva à saturação dos sistemas de coleta e tratamento (quando há) de esgoto, levando à poluição de rios, córregos e das praias. A Ilha dos Pescadores aguarda a regularização fundiária, com a emissão dos títulos de propriedade. Existe uma cobrança, por parte do Ministério Público, para que a prefeitura realize os estudos necessários para a regularização.

A manutenção precária dos espaços públicos - como praças, quadras e campos esportivos, o calçadão e a orla - é outro motivo de crítica da população em relação à administração municipal.

• Especulação imobiliária e crescimento do mercado de imóveis voltados ao turismo (casas e apartamentos de temporada);

• Poluição dos corpos d’água, com falta de saneamento;

• Enchentes e deslizamento de encostas motivados por eventos climáticos drásticos e pela falta de política pública para a adaptação e mitigação dos efeitos do aquecimento global e do adensamento populacional no município;

• Falta de planejamento urbano, com desrespeito à lei de uso e ocupação do solo;

• Vários adiamentos nas discussões e implantação de novo plano diretor municipal;

• Falha na gestão e ordenamento das orlas urbanas;

• Competição desigual com a pesca industrial;

• Ameaça aos costumes e expressões culturais pelo modo de desenvolvimento hegemônico, os apelos ao consumo da cultura de massas e da indústria cultural e o avanço das religiões neopentecostais;

• O rancho da Colônia Z10, na Ilha dos Pescadores, está em um lugar onde deveria ser instalada uma fábrica de gelo, que foi embargada pela prefeitura. O atual presidente da Colônia transformou em rancho comunitário, mas o espaço está bem largado e não é bem-visto pela comunidade;

• Demarcação de carros – ordenamento do estacionamento na Ilha dos Pescadores.

• Rancho de pesca da Ilha dos Pescadores está abandonado, precisa de reforma do telhado e banheiro;

• Necessidade de dragagem da barra do Rio Grande, que está assoreado, o que dificulta a passagem das embarcações por baixo das pontes.

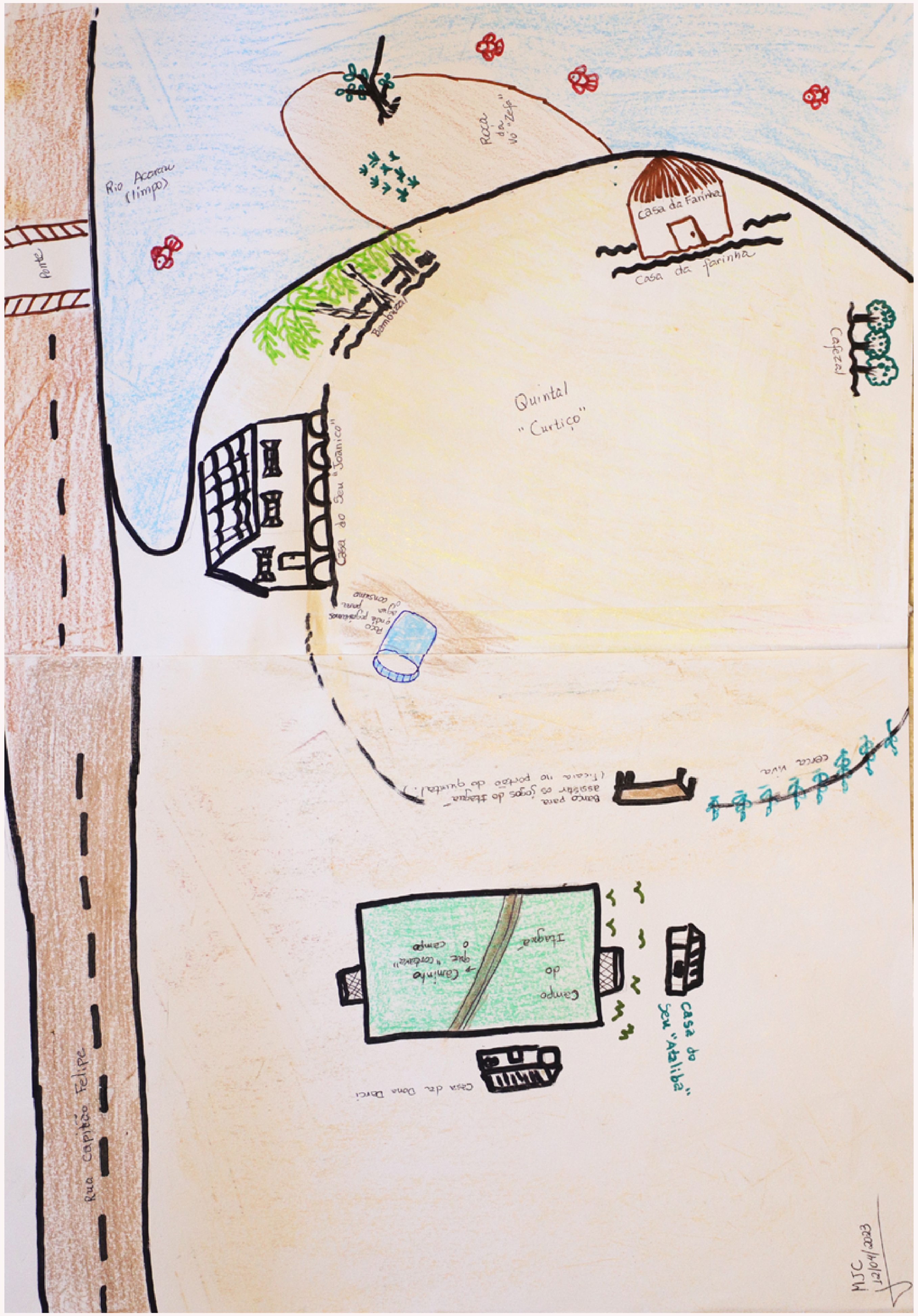
DINÂMICAS DE MOBILIDADE E RELAÇÕES NO TERRITÓRIO

Alguns personagens e interlocutores caiçaras ouvidos pela equipe Povos são nascidos ou descendentes de comunidades em outras regiões do município, como a Picinguaba e o Puruba, na região norte. Há, também, relatos de descendentes de caiçaras da Trindade, em Paraty, e casos de casamentos entre caiçaras de Ubatuba e caipiras, agricultores familiares, do Vale do Paraíba.

Os fluxos de trocas econômicas e simbólicas entre as diversas comunidades tradicionais do litoral e do alto da serra, como as zonas rurais de São Luiz do Paraitinga e Cunha, datam dos primórdios da cidade e seguem até hoje. A grande feira livre, que acontece todo sábado, na praça BIP, é recheada de barracas de produtores rurais do Vale do Paraíba e, também, de territórios tradicionais de Ubatuba, como o Sertão do Ubatumirim.

Outro motivo de migração é o estudo. Jovens buscam o curso superior ou técnico em faculdades e universidades fora de Ubatuba. Muitos retornam e aplicam seus conhecimentos no dia a dia da cidade.

ÁREA DE PESCA DE LULA
ÁREA DE ESPINHEL
LAJE DO PATIERO
MARETÓRIO DO ITAGUÁ
ÁREA DE REDE BOIADA
MARISQUEIRA
PONTA GROSSA
ÁREA DE REDE DE ESPERA


Roça da Vó "Zefa"
Casa da Farinha
Casa da farinha
Quintal "Curtiço"
Casa do Seu "Joanico"
Cafezal
Bambuzal
Ponte
Rua Capitão Felipe
Campo do Itaguá
Casa do Seu "Ataliba"
Casa da Dona Darci

COMUNIDADE CAIÇARA DO ITAGUÁ

Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

- Alambique antigo
- Árvore
- Barra
- Bica antiga
- Cais
- Campo de futebol
- Campo de futebol antigo
- Capela
- Capela
- Capela antiga
- Casa de caiçara
- Casa de caiçara antiga
- Casa de farinha antiga
- Cemitério antigo
- Cerco antigo
- Circo antigo
- Comércio caiçara antigo
- Cristo
- Escola antiga
- Estaleiro antigo
- Expressão cultural
- Festas
- Ilha antiga
- Ilhote
- Lagoa antiga
- Laje
- Marco histórico
- Mestre canoeiro
- Museu antigo
- Pedra
- Pesca
- Ponta
- Rancho
- Rancho antigo
- Rancho comunitário
- Recife
- Saco
- Salga
- Sambaqui
- Sede antiga
- Torre
- Manejo de cambiá
- Manejo de marisco
- Passagem antiga
- Rio antigo
- Rota de pesca
- Área de fundeio
- Areal antigo
- Bananal
- Caxeta
- Fazenda antiga
- Mangue antigo
- Morro antigo
- Núcleo familiar caiçara
- Núcleo familiar caiçara antigo
- Pomar antigo
- Roça antiga
- Salga antiga

Turismo e comércio local

- Artesanato
- Bar
- Comércio caiçara
- Museu
- Praia
- Comércio caiçara

Infraestrutura e serviços públicos

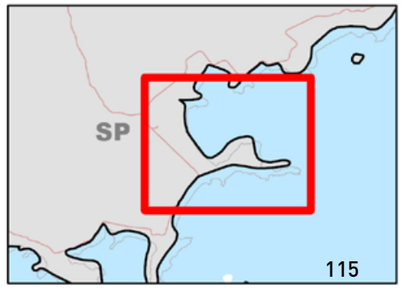
- Escola
- Posto de saúde
- Posto de saúde antigo

Outros elementos

- Rio
- Rodovia BR - 101

Conflitos socioambientais e ocupação não comunitária

- Conflito - Peça antiga da estrada de ferro jogada no mar



492.000 494.000 496.000 498.000

7.408.000 7.406.000 7.404.000

N W E S

Rio Grande de Ubatuba

Prainha da Vila

Entrada de Tainha, Camarão branco, entre outras espécies

Barra da Lagoa

Rio Lagoa

Museu Caiçara

Área antiga de Caxeta e taboa

Rio Acaraú

E.M. Altimira

Casa mau assombrada

Ilhote do Baguari

Ponta da Seringa

Pedra do Brasil

Pedra Ferro

Área antiga de marisco JBA

Pé de Noga

Alambique do Wladimir de Toledo Pisa

Saco do Godofredo

Ponto de embarque de pedra verde para a Europa

Pedra do Itapuá

Pedra da Baleia

Pedra do Morcego

Praia do Grego

Caisão

Praia do Barroso

Pedra Ferro

Saco do Barroso

Saquinho do Barroso

Antiga Ceagesp

Remo de Voga

Laje do Forno

Praia do Cedro

Cerco de Terra

Saco do Cedro

Cerco de Fora

Laje do Patieiro

Pedra do Cipó (Porquinho e Lula)

Pesqueiro da Andorinha

Baguari de fora

Mãe do ouro

Farol da Ponta Grossa

Família Teco

Capela Nossa Senhora das Dores

Escola antiga de pau a pique

Primeiro estaleiro 1936

Curtição

Bar do Campo

Gresmal

Família Martins

Primeira escola do Itagua

Pijuca

Família Gato

Família Altino Maciel

Família Buget

Antigo Museu do Sapé/Sapezinho

Otávio

Antigo circo Arranca toco

Professor Joaquim Lauro

0 250 500 750 1.000

m

114

115

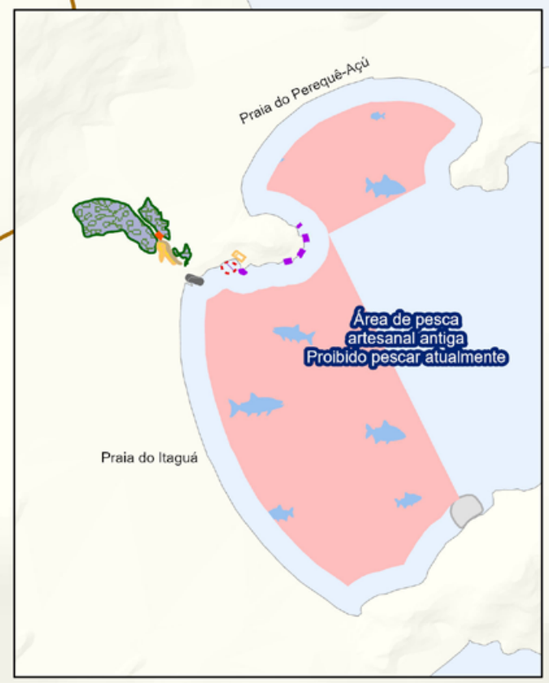
RIO GRANDE
TRAPICHO - CAIS
MANGUE
OFICINA
ESTALEIRO JUVENAL
Z10
GALPÃO ADEMAR
RANCHO CAMARÃO
ESCOLA ESTEVES
LUIZ TORNEIRO
LINDEIRO
ESTACIONAMENTO MERCADO PEIXE
RANCHO Z10
MERCADO PEIXE
CAIS
RIO GRANDE
BOCA DA BARRA

COMUNIDADE CAIÇARA DA BARRA DOS PESCADORES

N
W E
S

RIO GRANDE DE UBATUBA

Limpeza do camarão feita pelas mulheres
Colônia dos Pescadores
Assoreamento do rio
Antigo local da Festa de São Pedro
Mercado de Peixe
E.E. Esteves da Silva
Antiga Subelpa
Futuro Centro Comunitário
CATI
Casarão do Porto FUNDART
Antiga igreja Nossa Senhora do Rosário dos homens
Igreja Matriz Exaltação da Santa Cruz
Praia do Cruzeiro
Buraco da Serpente
Figueira antiga
Assoreamento do rio
Mirante de São Pedro
Morro do Curuça
Rancho Canginho
Rancho Manequinho
Praia do Matarazzo
Antiga Alfandega
Ponta do Matarazzo



0 50 100 150 200
m

Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

- Barra
- Barracão
- Buraco
- Cadeia antiga
- Camarão
- Campo de futebol antigo
- Casa de caiçara antiga
- Casarão
- Futuro centro comunitário
- Comércio caiçara antigo
- Coreto
- Cruzeiro
- Estacionamento
- Estaleiro
- Estaleiro antigo
- Expressão cultural
- Farol
- Figueira antiga
- Igreja Matriz
- Igreja antiga
- Morro
- Pesca artesanal
- Ponta
- Ponte antiga
- Ponto de ônibus antigo
- Porto antigo
- Posto de gasolina desativado
- Praça
- Quadra poliesportiva
- Quadra poliesportiva antiga
- Rancho
- Rancho comunitário/colônia
- Sede
- Manejo de marisco
- Manejo de ostra
- Área de fundeio
- Área de trapicho
- Mangue
- Maricultura antiga
- Núcleo familiar caiçara
- Núcleo familiar caiçara antigo
- Quebra mar reivindicado

Turismo e comércio local

- Artesanato
- Bar
- Comércio caiçara
- Mercado de peixe
- Mirante
- Praia
- Peixaria
- Restaurante caiçara

Infraestrutura e serviços públicos

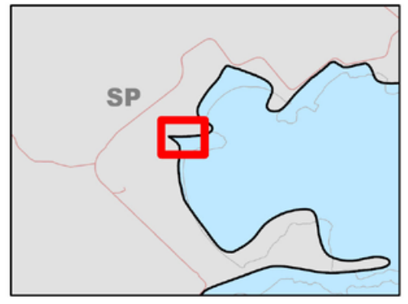
- Escola

Outros elementos

- Rio
- Ruas

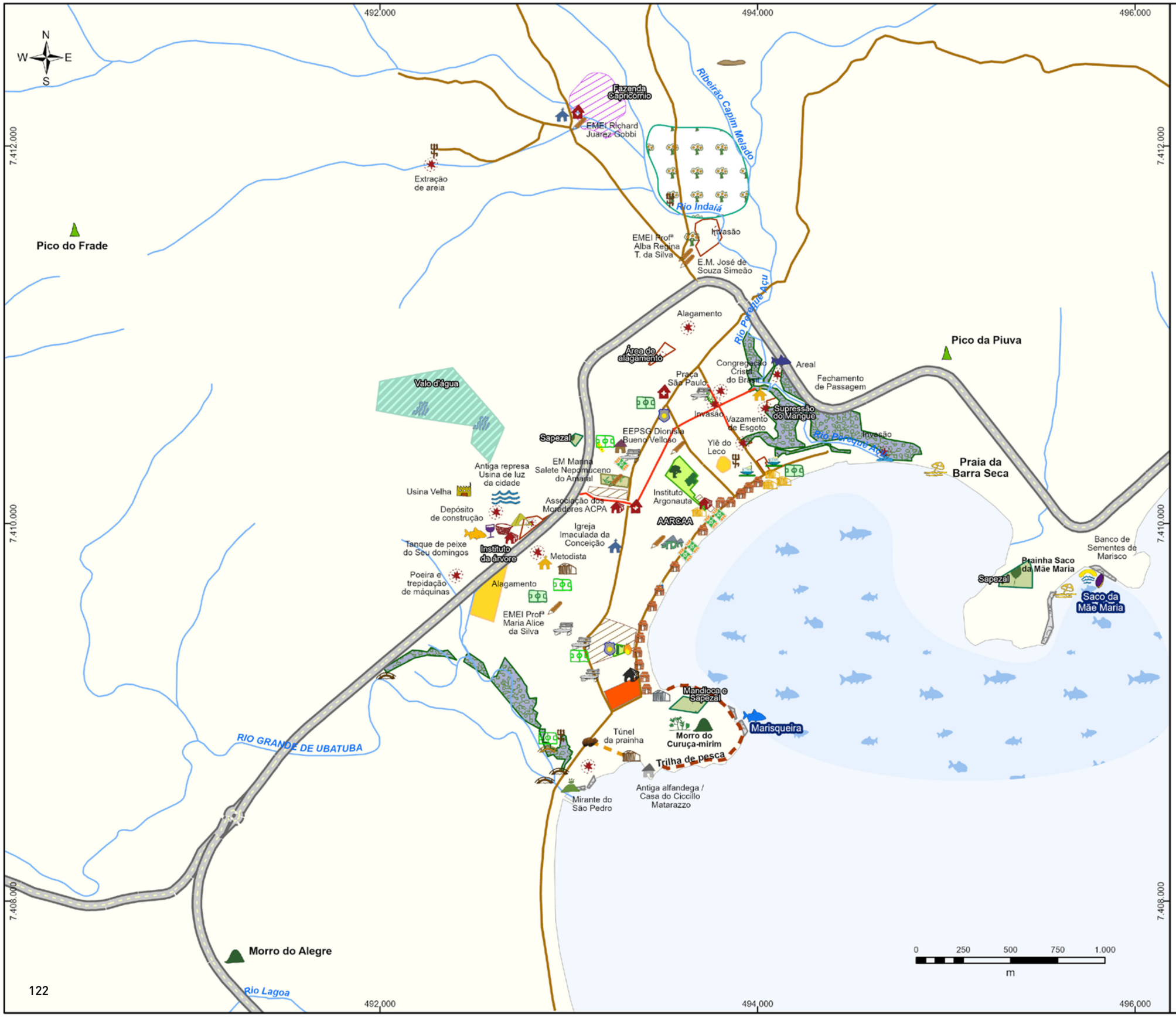
Conflitos socioambientais e ocupação não comunitária

- Conflito - Banco de areia
- Mudança ambiental - Assoreamento do rio
- Área de pesca proibida



Rotatória Pescador
Rod - Rio - Santos
Pedreira Alta
Pedreira
Baixa
Uzina Velha
Uzina Velha
Sumidoro
Rod Rio Santos
Rotatória Perequê
Rio Grande
Destadio
Capela Imaculada Conceição
Praça
Praça
Area Verde
Area Verde
Area Verde
Rio Indaiá
Vila Indaiá
Ecoterreiro
Escola Dionisa
Mangue
Praia do Perequê Açu
Oferenda Yemanjá
Rede de Pescador
Boi de concha
Rancho Caiçaras
Areia Monazitica
Canoas

COMUNIDADE CAIÇARA DO PEREQUÊ-AÇÚ



Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

- Antiga alfandega
- Antigo terminal turistico
- Área de proteção
- Areal
- Barra
- Cachoeira
- Campo de futebol
- Campo de futebol antigo
- Casa de caiçara antiga
- Igreja católica
- Igreja evangélica
- Laje
- Marina
- Marisco
- Mirante
- Morro
- Pesca artesanal
- Pico
- Pomar antigo
- Ponte
- Ponte antiga
- Praça
- Quadra poliesportiva
- Rancho
- Rancho antigo
- Rancho comunitário
- Represa antiga
- Saco
- Sede
- Sede antiga
- Tanque de peixe
- Túnel da prainha
- Usina Velha
- Yle
- Trilha antiga
- Túnel da prainha
- Área de preservação
- Areial antigo
- Brejo
- Brejo antigo
- Cachoeira
- Camping antigo
- Caxeta
- Chácara
- Costão
- Fazenda antiga
- Mangue
- Núcleo familiar caiçara
- Pesca artesanal
- Pomar antigo
- Roça antiga

Infraestrutura e serviços públicos

- Bombeiros
- Escola
- Escola de surf
- Guarda Municipal
- Posto de saúde

Turismo e comércio local

- Artesanato
- Bar
- Camping
- Praia
- Quiosque

Outros elementos

- Rio
- Rodovia BR 101
- Rua/Avenida

Conflitos socioambientais e ocupação não comunitária

- Conflito diversos de invasão de terras, alagamento, extração de areia e falta de infraestrura publica